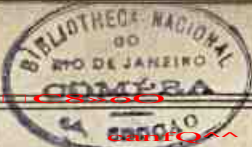
Num. 349 Sabbado 27 de Fevereiro de 1915 Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

Esta não é a lata fatidica. Elle vae, mas volta.

Homens, **depauperados**, **impotentes**, rachiticos, anemicos, **nervosos**, neurasthenicos, outros ainda com falta de memoria, FALTA DE SOMNO, FALTA DE APPETITE, melancholicos, sem vontade e coragem para a luta pela vida têm encontrado a cura no **Dynamogenol.**

Senhoras pallidas, magras, enfraquecidas, conseguem que as côres voltem, o BUSTO SE DESENVOLVA e, portanto, a volta da alegria e bem estar. As senhoras que amamentam conseguem enriquecer o leite, e portanto augmentar a resistencia dos innocentes que amamentam sómente com o **Dynamogenol.**

A's Creanças, principalmente aos que ESTUDAM, deve ser obrigado o uso do **Dynamogenol**, pois é o verdadeiro ALIMENTO DO CEREBRO.

Para possuirdes a felicidade deveis manter em equilibrio o vosso organismo, cerebro equilibrado, CORAÇÃO forte e ESTOMAGO RESISTENTE. Para obter isto, basta usar o **Dynamogenol.**

Vende-se em todas as pharmacias do mundo e no Rio de Janeiro.

PHARMACIA MARINHO

186 — Rua Sete de Setembro — 186

AVISO IMPORTANTE — Envia-se pelo correio, registrado, a todas as pessoas que enviarem 7$000 por cada vidro. Pedidos a J. Marinho, rua Sete de Setembro, 186. Rio de Janeiro.

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethristes chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina se decompõe facilmente devido a retenção, encontram na URUFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1º de Março, 17 — Rio de Janeiro

FIDALGA
FIDALGA
A
Cerveja da Moda

O nosso serviço telegraphico sobre a guerra européa

Como todos os nossos leitores sabem e se não sabem pelo menos deviam saber, desde o inicio da conflagração européa e mercê de extraordinarios sacrificios pecuniarios e outros que não vem a pello, publicamos um variado serviço telegraphico contractado com as celebres agencias telegraphicas O'vas e A. Merikana, alem de outros despachos directos que nos eram transmittidos pelas partes interessadas.

Entretanto depois de alguns mezes pudemos verificar que os nossos telegrammas apezar de sua incontestavel authenticidade, adeantavam tanto como os austro-allemães e alliados nas suas contantes avançadas e recuos reciprocos.

Foi por isso que resolvemos enviar ao campo das operações um dos nossos redactores, rapaz experto e corajoso que os nossos leitores já de sobejo conhecem atravez dos telegrammas que nos enviou remettendo as «interviews» que conseguiu obter dos chancelleres das nações em luta. Esse nosso representante acha-se em Berlim presentemente e constituiu correspondentes especiaes da «Careta» em todos os logares telegraphaveis do velho mundo. Por isso, o nosso serviço telegraphico d'ora avante será o melhor e o mais completo do mundo, embora nos custando os olhos da cara e alhures. Dizem que elogio em bocca propria é vituperio. Historias!

Quem ha de gabar a noiva senão a noivo? Por isso é que affirmamos aos nossos fieis leitores a inegualabilidade do nosso serviço telegraphico, de hoje em deante. Acceitaremos entretanto sobre elles reclamações. Os srs. sabem, a Europa é longe e si é commum perder o fio da palavra não é nada de espantar que se percam as palavras do fio. Mas são nugas, bagatellas, ninharias. Uma palavra de mais ou de menos não irá alterar a sorte da guerra. O caso é ficarem prevenidos os nossos leitores da *supimpidade* do nosso serviço telegraphico e de que só o muito desejo que temos de bem servil-os nos compensa do gravame que traz á caixa a sustentação dessa nova despeza.

E mais nada. Passem bem, muito obrigado.

"A UNIVERSAL"

Com uma selecta assistencia de associados e representantes de todos os jornaes d'esta Capital, esta sociedade realisou em 18 de Fevereiro o 9º sorteio mensal de suas apolices de 20 contos e o 11º de 10 contos pertencentes ao mez de Janeiro do corrente anno.

Estes sorteios que deviam ser effectuados em 18 de Janeiro, deixaram de ser, em vista da má interpretação feita pelo Snr. Ministro da Fazenda sobre o imposto que julgamos «iniquo» lançado sobre as companhias de seguros. — Foram sorteados os seguintes:

RELAÇÃO DOS PREMIOS DO 9º SORTEIO EFFECTUADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1915, RELATIVO AO MEZ DE JANEIRO

SÉRIE DE 20:000$000

1º premio de 4:000$000 — Inscripção n. 218 — Socios Domingos Maria Galhardo e D. Cecilia Araujo Galhardo — Porto Novo do Cunha — E. de Minas.

2º premio de 2.000$000 — Inscripção n. 3916 — Socio João Jeronymo Souto — Jacuhy — E. de Minas.

3º premio de 1:000$000 — Inscripção n. 1367 — Socios José Francisco Ramon e D. Maria da Conceição de Jesus — Santa Rita do Rio Abaixo — E. de Minas.

4º premio de 1:000$000 — Inscripção n. 2813 — Socios Seraphim Luiz de Souza e D. Carolina Teixeira de Souza — Arrozal do Pirahy — E. do Rio.

5º premio de 500$000 — Inscripção n. 2188 — Socio padre Manoel Maria da Silva — Caratinga — E. de Minas.

6º premio de 500$000 — Inscripção n. 2855 — Socios Francisco de Deus Vieira e D. Leopolda Teixeira da Cunha — Carmo do Paranahyba — E. de Minas.

7º premio de 400$000 — Inscripção n. 3615 — Socios Antenor Pereira dos Santos e D. Carolina Teixeira dos Santos — Pirapetinga — E. de Minas.

8º premio de 200$000 Inscripção n. 4741 — Socios Joaquim Pereira da Silva e D. Joanna Maria da Silva — Theophilo Ottoni — E. de Minas.

9º premio de 200$000 — Inscripção n. 3107 — Socios Flausino Pires de Camargo e D. Maria Joaquina de Jesus — Lagôa Formosa — E. de Minas.

10º premio de 200$000 — Inscripção n. 104 — Socio José Pedro de Andrade Reis — Juiz de Fóra — E. de Minas.

RELAÇÃO DOS PREMIOS DO 11º SORTEIO EFFECTUADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1915, RELATIVO AO MEZ DE JANEIRO

SÉRIE DE 10:000$000

1º premio de 2:000$000 — Inscripção n. 2857 — Socias DD. Carolina Maria de Jesus e Maria Fernandes — Valença — E. do Rio.

2º premio de 1:000$000 — Inscripção n. 4244 — Socios Azarias Torres de Carvalho e D. Anna Candida de Carvalho — Ribeirão Vermelho — E. de Minas.

3º premio de 500$000 — Inscripção n. 3859 — Socios Joaquim Vieira Machado Junior e D. Adelaide Augusta Franco — Estação de Simplicio — E. de Minas.

4º premio de 500$000 — Inscripção n. 939 — Socios Cesar Augusto de Siqueira e D. Corina Augusta de Oliveira — Santa Barbara do Tugurio — E. de Minas.

5º premio de 250$000 — Inscripção n. 9 — Socio Antonio Marques de Souza — Barbacena — E. de Minas.

6º premio de 250$000 — Inscripção n. 334 — Socios Antonio Fernandes da Fonseca e D. Jacintha Maria Fonseca — Angustura — E. de Minas.

7º premio de 200$000 — Inscripção n. 1267 — Socio Americo Joaquim Velloso — Livramento de Barbacena — E. de Minas.

8º premio de 100$000 — Inscripção n. 3638 — Socios Pedro Virginio dos Reis e D. Percilia Augusta de Oliveira — Villa Nepomuceno — E. de Minas.

9º premio de 100$000 — Inscripção n. 4113 — Socia Geraldina Cardoso — Bocaina — E. de São Paulo.

10º premio de 100$000 — Inscripção n. 2921 — Socios Theotonio José Rufino e D. Francisca Maria Baptista — Pedra de Guaratiba — Districto Federal.

IMPASSIBILIDADE

Socrates estava um dia no mercado de Athenas, immerso em abstracção profunda, quando um homem munido de um machado, correu na sua direcção perseguindo outro que voava sobre os pés.

— Agarra! agarra! gritava para Socrates o grego perseguidor.

Mas o mestre de Platão conservou-se immovel, deixando passar o fugitivo.

— Estúpido! gritou o homem do machado, no maior exaspero; não lhe podias ter embargado o caminho? E' um assassino!

— Um assassino? Que vem a ser um assassino?

— Não te finjas idiota! Um assassino é um homem que mata.

— Ah! é um carniceiro?

— Velho tonto! E' um homem que mata outro homem.

— Comprehendo. E' um soldado.

— Burro! E' um homem que mata outro homem em tempo de paz.

— Bem, bem. E' um executor.

— Maldito palerma! Jumento! E' um homem que mata outro em casa d'este.

— Agora percebo. E' um esculapio.

— Miseravel velho! Levem-te as furias! rugiu o grego tornando a correr atraz do fugitivo, que nunca mais encontrou.

Quem se não contenta com pouco com cousa alguma se satisfaz.

EPICURO

A necessidade originou a Remington

A Remington nasceu quando o mundo commercial começou a sentir a necessidade da machina de escrever. Os demais fabricantes de machinas seguiram-n'a.

A Remington sempre foi e ainda é a primeira machina de escrever.

Sendo a primeira no mercado a Fabrica Remington foi introduzindo aperfeiçoamentos adquiridos passo a passo, da pratica dos proprios dactylographos — porem sempre um grau ou dois adeante das exigencias do consumidor. Outros fabricantes seguiram-n'a.

Hoje em dia a Remington acha-se na mais invejavel situação, sendo universalmente reconhecida como modelar. E os demais fabricantes de machinas de escrever não são os menos beneficiados pelo seu exemplo, pois a Remington creou a industria da machina de escrever, abrindo caminhos para outros seguirem.

SÓ NA CIDADE DE NOVA YORK SÃO LANÇADAS AO CORREIO EM TODOS OS DIAS UTEIS DE CADA ANNO 1,600,000 CARTAS ESCRIPTAS NA REMINGTON.

Este facto demonstra claramente a proeminencia da Remington ; a confiança que nella têm as summidades commerciaes ; a fé que nella depositam milhares de empregados competentes ; é a machinas enfim que tem dado trabalho a muita gente, e muita gente ao trabalho.

CASA MATRIZ
RUA OUVIDOR 125
RIO DE JANEIRO

CASA PRATT

FILIAES :
SÃO PAULO,
SANTOS,
CURITYBA,
PERNAMBUCO.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . . . 15$000 | SEMESTRE. . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs

End. Teleg. Kósmos

Telephone N. 5341

N. 349 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 27 — FEVEREIRO — 1915 — ANNO VIII

O anniversario da Constituição da Republica

No dia 24 de fevereiro de 1891, após um anno e tres mezes de governo dictatorial, o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, o chefe da Revolução de 15 de novembro de 89, assignava solemnemente a Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil, votada e proclamada pela Constituinte.

A formula do nosso pacto fundamental, vasada nos moldes da lei basica dos Estados Unidos da America do Norte, despertou a principio caloroso enthusiasmo e encomiasticos applausos da imprensa, dos republicanos historicos e mesmo de alguns adhesistas do novo regimen (que não foram poucos e... *pour cause*).

Previa-se para o Brasil o resurgimento de uma nova aurora, descortinando-se nos roseos horizontes o despontar de uma prospera Chanaan, de uma Terra da Promissão fecunda em toda a sorte de prosperidades. Si a gloriosa patria de Washington e de Franklin conquistara, em curto espaço de tempo, um brilhante lugar no concerto das potencias mundiaes, ao nosso paiz estava fadado um mais luminoso porvir, por possuir elementos materiaes incomparavelmente superiores aos da União Americana, tendo d'esta copiado o segredo do seu pujante progresso... a constituição politica.

Assim argumentavam os fundadores do novo regimen, os moços exaltados daquella epocha e a imprensa que lhes reflectia a opinião.

Não tardaram, porém, as desillusões. Não tinha ainda nove mezes de existencia a nossa elogiada Magna Carta, quando foi violada brutalmente pelo golpe de Estado de 3 de novembro de 1891. E não se estabeleceu então no Brasil uma dictadura nos moldes de certas «republicas» hispano-americanas, unicamente pelo sentimentalismo do chefe do governo que preferiu resignar o cargo a provocar uma lucta fratricida.

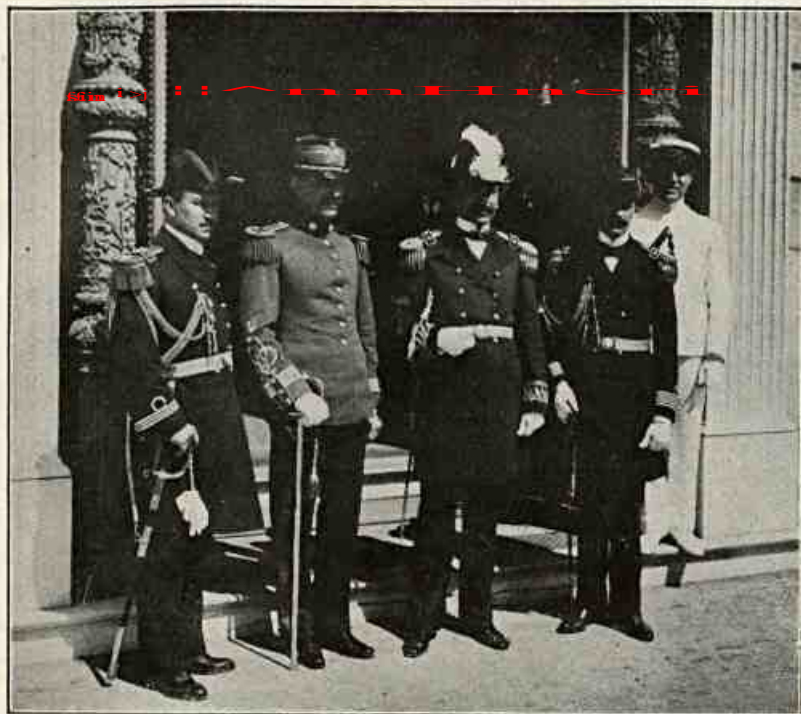
Não foi esse, entretanto, o unico attentado que tem soffrido nestes vinte e quatro annos de existencia a nossa Constituição, a qual foi desrespeitada por alguns governos subsequentes, batendo o «record» dos crimes contra o nosso pacto fundamental o quatriennio Hermes, de ominosa memoria.

Si não soube inspirar respeito ás pessôas que por ella tinham obrigação de velar, a Constituição de 24 de fevereiro não poude igualmente nos fornecer a paz e a prosperidade tão solemnemente promettidas por seus enthusiastas e adoradores.

E' assim que, em vinte e quatro annos de vida constitucional, o nosso paiz tem presenciado: o golpe de Estado de 3 de novembro de 1891; a sedição de 10 de abril de 1892; a pavorosa revolução da Armada, a 6 de setembro de 1893; a revolução federalista no Rio Grande do Sul; o attentado do Arsenal de Guerra, a 5 de novembro de 1897; a sombria tragedia de Canudos; a revolução de 14 de novembro de 1904 e — a peior das catastrophes — o governo Hermes, *tout court*.

Copiando a Constituição dos Estados Unidos, o Brasil procedeu como certos negros da costa d'Africa: enfiam por cima da tanga uma casaca velha, põem na cabeça um vetusto chapéo alto, encaixam no olho um pedaço de vidro, á guisa de monoculo, e assim passeiam muito serios e solemnes, julgando-se «gentlemen» e até brancos, como os inglezes de que filaram os trapos.

Por ahi se vê que, tanto ás nações como aos individuos, se applica o velho brocardo: «O habito não faz o monge.»

A Embaixada Brasileira enviada ao Uruguay

Despedida ao Presidente da Republica

o presidente e seus ministros abusaram da pobre rapariga de um modo tão descaridoso, que ella devia ir para um hospital curar-se.

Habituados a festejar a Constituição nos seus anniversarios, quando ella era uma donzella requestada nos salões, hoje nos limitamos a lamentar a existencia que arrasta, depois de fanada e brutalisada.

Era certamente uma rapariga merecedora de melhor futuro. Foi victima dos guardas infieis que lhe deram.

Fontenelle dizia de La Fontaine:

— «Elle era tão besta que não sabia que valia mais do que Esopo e Phedro».

Quem não perde a cabeça com certas cousas, é que não tem cabeça para perder.

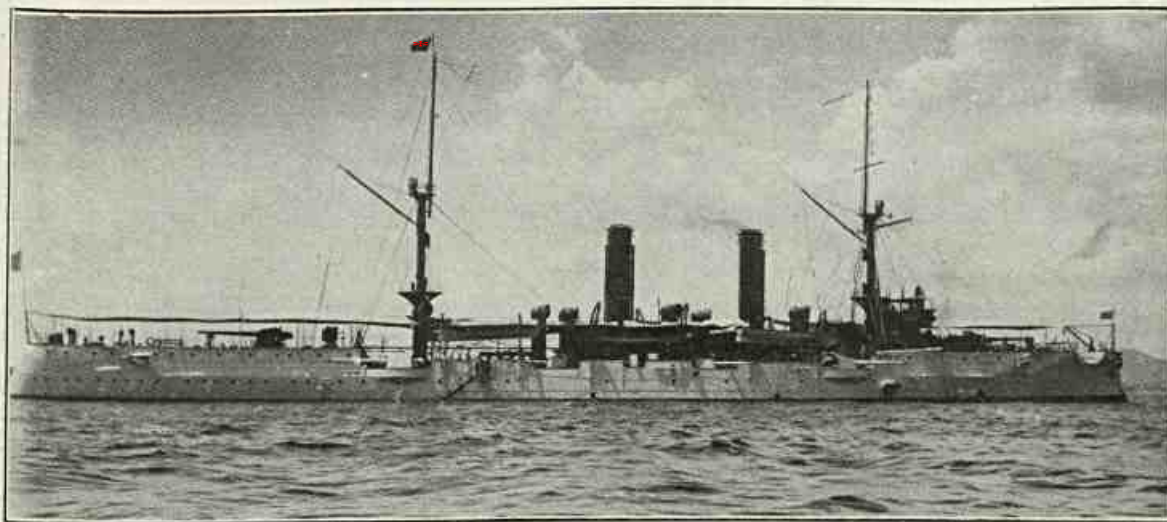
LESSING

UM ANNIVERSARIO

Passou a 24, nesta semana, o anniversario da Constituição. A mofina senhora fez 24 annos, mas todos que a veem lhe dão sessenta, tão lamentavel é o estado de conservação em que se acha. As suas faces estão sulcadas de rugas profundas. Os seios e o ventre flacidos, resultado de successivas violações. O olhar amortecido. A avaria resudando por todos os póros.

Até quatro annos atrás a pobre rapariga ainda estava sob a guarda de bons tutores e, embora já desvirginada, comtudo não se tinha devassado. Mas a gente do quatriennio passado a forçou e violentou, até nos seus sentimentos mais intimos. Sabendo que ella tinha attingido a maioridade, e conhecendo que as suas responsabilidades perante o codigo penal haviam diminuido,

Officialidade do Almirante Barrozo

A Embaixada Brasileira ao Uruguay

O cruzador Almirante Barrozo

"Careta" financeira

E porque não? Se todo o mundo se mette a tratar de finanças, porque não pode a *Careta* metter o seu bedelho no assumpto. Em toda sciencia ou arte (finanças parecem mais arte) ha uma parte reservada aos iniciados e outra accessivel a todo o mundo que tenha um pouco de bom senso. E' apenas neste terreno exterior que nos mantemos nas observações que nos suggere a grita de credores do governo por papel moeda.

O caso vem a ser este. O governo, isto é, o desgoverno passado gastou, dissipou, delapidou a torto e direito. Algumas das obras e fornecimentos foram autorisados pelo orçamento, mas a maior parte foi feita sem autorisação de especie alguma. Os empreiteiros de uma obra que elles sabiam ser illegal, não autorisada pelo orçamento, sabiam ou deviam saber que estavam contractando com o governo um acto illicito, que não creava para o Thesouro a obrigação de pagar-lhes. Os responsaveis por essas despezas e compromissos criminosos são os que as autorisam e não a nação. Se o governo contratar com o empreiteiro A a construcção de um elevador ao pino do Corcovado por 20 mil contos, e A o construir, sabendo que o Congresso não autorisou essa construcção, terá direito de cobrar os 20 mil contos? Não. O unico direito que elle tem é de ir para a cadeia como cumplice consciente de um crime contra o erario publico. Não diremos que os fornecedores e empreiteiros do governo Ali Babá devam ser punidos. Não o avançamos nem desejamos. O que é impertinente é que ainda clamem contra o modo de pagamento que o governo actual adoptou, em *bonus* do Thesouro.

Mas que tem a *Careta* com a discussão entre os credores do Thesouro e o governo? Hão de perguntar. E nós respondemos: não temos nada. Ou antes, não teriamos nada, se elles não quizessem obrigar o governo a pagar-lhes em papel moeda.

Contra isso é que protestamos.

Elles que vendam as suas letras ao Thesouro, se querem dinheiro. Mas o governo não lhes pode dar dinheiro, por um motivo que qualquer, governista ou opposicionista, não pode deixar de achar justificado — porque não tem onde tiral-o.

A emissão de papel moeda é uma extorsão violenta feita a todos nós, ao publico, aos empregados, ao operariado, a todo o mundo que tem uma economia, que tem alguma nota no bolso ou no banco. Cada emissão de papel moeda desvalorisa o meio circulante do paiz, isto é, augmenta o preço de tudo, faz baixar o cambio. Porque é que estamos pagando tudo 30 e 40 % mais caro que o anno passado? Por causa da emissão de 350 mil contos de papel moeda que inundou o paiz.

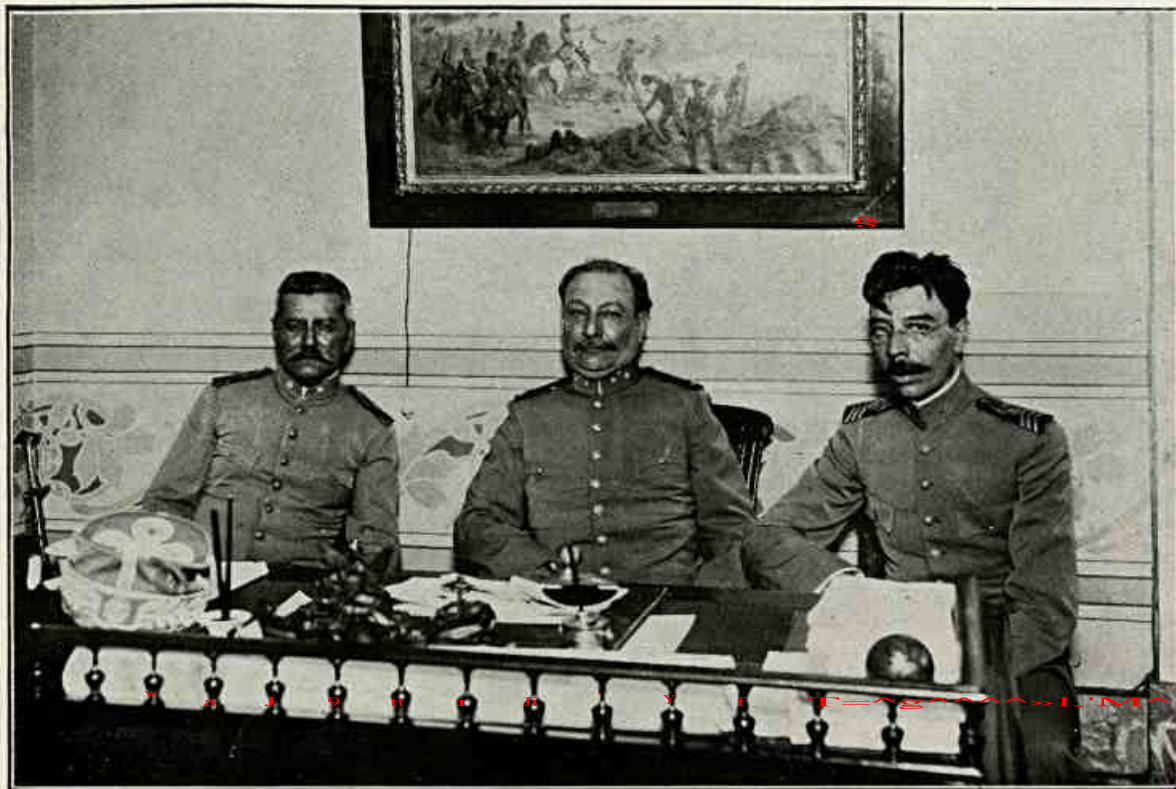
Os credores do Thesouro que se contentem com a sua sorte. Não têm o direito de querer atravessar illesos a crise que elles mesmo aggravaram com as obras e fornecimentos illegaes, não autorisados. Por causa das villas proletarias, das construcções não autorisadas, da duplicação da linha da Central e de outras despezas exorbitantes, o Thesouro quebrou e todo o paiz está soffrendo. Por causa dessas despezas o funccionalismo publico e os militares estão soffrendo descontos de 10 e 15 %. Como é que os empreiteiros e fornecedores, cumplices dessa situação, querem escapar ás consequencias della? O justo seria o contrario, que essas consequencias recaissem mais pesadamente sobre os hombros delles do que do resto da nação que não tem culpa do descalabro actual.

Isto pode não ser finanças, mas é bom senso.

Como um tambor...

Após a derrota de Suwarow, na Suissa, alguem fallou ao rei da Prussia sobre a proclamação que esse general dirigira a seus soldados:

«Ora! disse o rei, Suwarow parece um tambor; só faz barulho quando é battido.»

EXERCITO

O general Bento Ribeiro ladeado pelo chefe de seu gabinete, coronel Cardoso de Aguiar, e pelo seu assistente, capitão Gregorio da Fonseca.

As apostas do padre Vitalino

Já nos referimos no numero passado á extranha obsessão morbida que dominava o padre Vitalino — de procurar apostar continuamente e a respeito de tudo.

Quando elle tomou posse da parochia do Divino Espirito Santo do Brumadinho, encontrou naquelle arraial um inveterado costume de longos annos, que muito lhe desagradou. As senhoras, mesmo as das principaes familias do povoado, quando iam assistir quaesquer solemnidades religiosas — missas, novenas, «via-sacra», missões, etc, levavam invariavelmente á igreja um chale, um manto ou mesmo uma colxa, que estendiam no chão para se ajoelharem ou se assentarem.

Esse habito contrariou muito o novo vigario que logo planejou supprimil-o, mesmo a bem da esthetica e da hygiene, pois, ao lado de elegantes mantos eram levados tambem á igreja retalhos de lençóes e de velhos cobertores. Communicando esta sua resolução ao velho boticario de Brumadinho, o major Alexandre, este procurou dissuadil-o de semelhante tentativa, cujo fracasso julgava certo :

— Permitta-me V. S. que o aconselhe a desistir d'esse intento, pois as senhoras não abandonarão o seu antigo habio, e V. S. perderá, logo no principio, um pouco de sua força moral. Já tres vigarios tentaram acabar com esse costume, sem nada conseguir.

— Pois eu o conseguirei.

— Duvido muito.

— Aposto cem mil réis com o senhor como, dentro de uma semana, não se verá mais no pavimento da egreja, nem chale, nem manto, nem panno de qualquer especie. Acceita ?

— Acceito, mas com pezar, porque V. S. perderá com certeza.

— Veremos.

No dia seguinte, 1º de Maio, iam começar as solemnidades do mez de Maria. Na vespera, numa pratica solemne, o padre Vitalino pediu ás senhoras do arraial que se abstivessem de levar á igreja pannos para estenderem no chão, pois era um habito anti-hygienico, desagradavel á vista, e quasi uma falta de respeito ao templo do Senhor.

— Amanhã começa o mez de Maria, continuou o vigario, o mez consagrado á Rainha dos Anjos, á Immaculada Mãe de Jesus Christo. Espero, pois, que

desde esse dia desappareça para sempre o condemnavel costume de se atulhar de pannos o chão da egreja.

Mas, no primeiro dia do mez de Maria, appareceram na egreja numerosos mantos e chales estirados no chão. O major Alexandre estava triumphante.

— Não disse a V. S. ? fallou elle ao padre Vitalino, no momento em que este subia ao pulpito.

— Sim, com effeito... respondeu vagamente o vigario, calmo, sereno, sem mostrar a menor irritação por aquella formal desobediencia ás suas ordens.

E, depois de se assoar ruidosamente num grande lenço vermelho, o parocho começou a sua predica :

— Antes de tudo, cumpre-me pedir desculpas ás exmas. senhoras d'este arraial, por um trecho da minha pratica de hontem. Quando tentei prohibir o uso dos chales e mantos no chão da igreja, ignorava absolutamente o imperioso motivo que leva algumas moças e senhoras casadas a estendel-os no chão para se assentarem. Algumas, entretanto, m'o explicaram hontem, particularmente : soffrem de hemorrhoidas, que parece ser uma doença muito espalhada nesta povoação. Ora, Deus não exige de seus filhos pesados sacrificios. As senhoras que soffrem almorreimas podem continuar a trazer pannos e mesmo almofadinhas de vento, para não se assentarem no chão duro...

Desde o dia seguinte, desappareceu do Brumadinho o velho habito, não havendo mais uma unica senhora que ousasse (e... *pour cause*) levar á egreja um forro para se assentar. E o boticario teve de largar os cem mil réis da aposta.

OCTAVIO MOURET

Aviso aos comediographos

Em uma doença grave, o abbade de Voisenon, que tinha um medo louco do inferno, mandou chamar o padre Neuville : «Meu padre, disse-lhe elle, eu não quero ir para o inferno». — «Si persistirdes em fazer operas-comicas, isto podia bem se dar, respondeu o jesuita ; e não seria tudo queimar no inferno, poderia vos acontecer cousa peior. — O que meu padre ? — Vós ali serieis vaiado, meu pobre amigo.»

O charuto compromettedor

ELLE — Vamos !... Não dissimules ! A quem pertence este charuto ?

ELLA — E'... é... Ora essa !... De quem ha de ser ? Naturalmente pertence ao jardineiro.

EM FRANÇA

A cruz azul — Hospital dos cavallos

SERVIÇO TELEGRAPHICO ESPECIAL DA "CARETA"

BERLIM, 26 (Directo)

As noticias espalhadas pelos jornaes das potencias alliadas sobre difficuldades financeiras dos dous imperios, allemão e austro-hungaro, são absolutamente falsas. Pelo contrario, as reservas metallicas dos estabelecimentos bancarios são de tal sorte avultadas que o governo prohibiu expressamente que fossem recebidos os depositos dos particulares, por não mais comportarem os cofres dos bancos tamanha quantidade de numerario.

PARIS, 26 (Directo)

Passaram hontem por esta capital com rumo a Londres cerca de 300 balões typo Zeppelin. A população agglomerou-se nas ruas afim de gozar do magnifico espectaculo do desfile das aeronaves que não foram incommodadas no seu percurso por accidente algum. Esperam-se para breve graves acontecimentos. O inventor Turpin acaba de propor ao ministro da guerra a applicação das garrafas de syphon para arremeçar projectis incendiarios contra os balões. A proposta foi entregue a uma commissão de especialistas que a estudam cuidadosamente.

VIENNA, 26 (Directo)

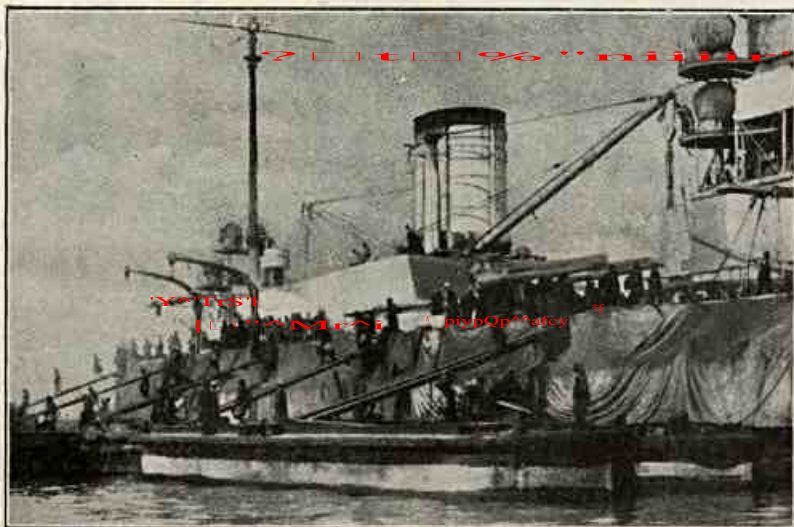
As noticias de grandes victorias russas espalhadas pelas agencias telegraphicas a serviço dos alliados não têm o menor fundamento. Pelo contrario na ultima quinzena as nossas forças fizeram tantos prisioneiros que o governo viu-se forçado a pedir-lhes que se guardassem a si mesmos por falta de pessoal para semelhante serviço.

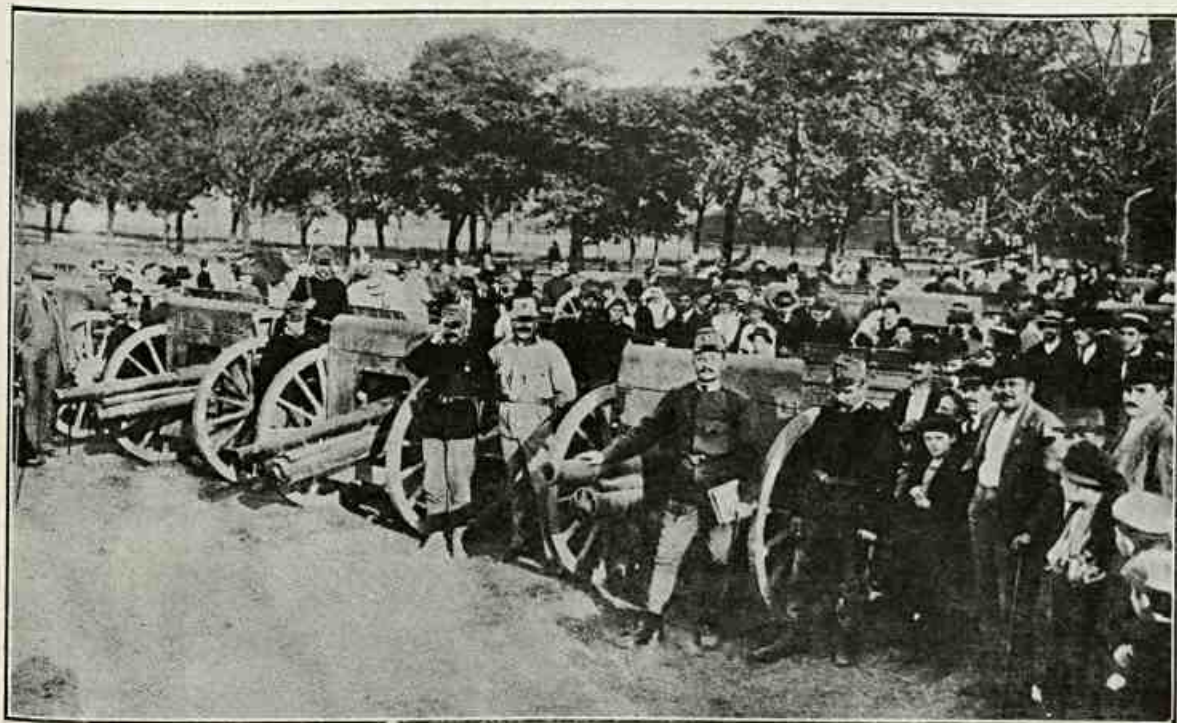
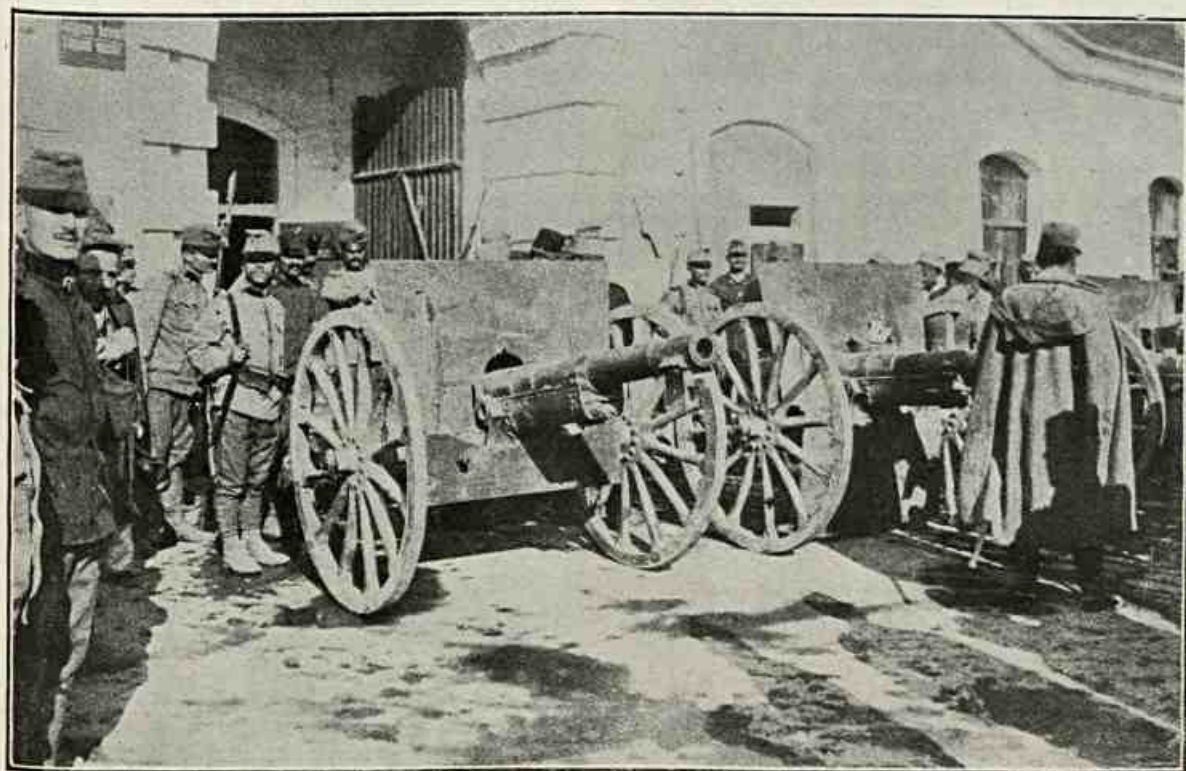
CONSTANTINOPLA, 26 (Directo)

Pelas noticias aqui chegadas sabe-se que as nossas forças incendiaram o canal de Suez, impedindo assim a navegação. Os inglezes derrotados recuam precipitadamente para o Cairo. Na Persia tomamos aos russos cerca de um milhão de canhões e metralhadoras. Não capturamos mais armamento porque o exercito turco em sua modestia não quer empannar o brilho das armas das suas alliadas, e mesmo para deixar-lhe alguma cousa que fazer.

VIENNA, (Directo)

E' absolutamente inexacto que os theatros de Vienna não funccionem por falta de espectadores. Todos elles estão transformados, ha muito tempo, em hospitaes.

A GUERRA

O «Goeben» tomando carvão em Constantinopla

A GUERRA

Canhões russos expostos em Vienna

Canhões servios tomados pelos Austriacos

Um cliché extraordinario

Entre uma trincheira de francezes e outra de allemães, na floresta de Argonnes, — narra um correspondente, — havia nos ultimos dias de dezembro relações devéras amaveis... nos intervallos de refrega. As linhas avançadas de ambos distavam apenas 15 metros. Soldados e officiaes avistavam-se, ouviam-se, sentiam-se ; e dos dois lados, com a indifferença pela morte, predominava nas forças o espirito. Eram moços, talvez poetas e escriptores, — que ali se defrontavam. Um dia, da trincheira franceza, no silencio tragico da matta, um dos soldados começou a entoar um velho *lied* popular da Germania, como cantam os estudantes do Rheno nos bellos crepusculos de Julho :

. . . Drunten im Unterland
Ei ! da ist's so wunderschön . . .

cuja traducção é, mais ou menos, a seguinte :

Além, na planicie,
Como é formosa a vida . . .

Depois, calou-se ; mas, a seguir, da trincheira allemã, outra voz se levantou, continuando a canção :

. . . Ei ! da ist's so wunderschön
Da möcht' ich Jäger sein . . .

versos que dizem assim :

. . . Como é formosa a vida . . .
E' lá que eu desejára caçar.

E um allemão, um joven, logo acompanhado de outros, imberbes e risonhos, appareceu no emmaranhado escuro de galhos e troncos cahidos e amontoados. — « 'n Morgen, Kamarade ! — exclamam. Entre elles, apparece um official. Os francezes respondem e pedem licença para um instantaneo, mostrando-lhes um kodak.

— *Photographiren ? Ja, Ja !* respondem com os semblantes illuminados.

O *piau-piau* opera. Clac ! — prompto. — Sahirá na *Illustração*, de Paris...

— *Dank !*

E um dos *Boches*, em signal de agradecimento, atira aos *calções vermelhos* um maço de cigarros.

Fazem tudo isso de rewolver em punho. Dias depois, houve naquelle sitio um formidavel combate. Resumimos esta tocante historieta fitando na pagina de *L'Illustration* o extraordinario *cliché*.

Como é triste !

Os dois cantores inimigos que de tal arte fundiram os corações num segundo de treguas, entre as ciladas e as ameaças da floresta sombria, disséram tragicamente, ao rhythmo do poema popular, todo o inaudito horror da guerra que ensanguenta a Europa. Não é o odio que os separa : sem a influencia nefasta da diplomacia militarista, amanhã ou depois, quem sabe ? elles poderiam estar reunidos num grupo alegre de estudantes ou de artistas que saudassem por entre coplas alegremente recitadas os respectivos genios nacionaes. E a *Canção de Rolando* entrelaçar-se-ia aos *lied* rhenanos e á insolencia grosseira do *panache* gaulez responderia como symbolo a belleza da florita azul, ingenua e sentimental, dos grandes copos tradiccionaes de cerveja loura... Mas o toque de alarme já reboou muitas vezes nas umbrias de Argonne e, juncadas de cadaveres, aquellas trincheiras já ficaram para traz na sinistra campanha...

UM CONHECEDOR DOS HOMENS

Um dos amigos de Arlotto Piovano, cura da Italia, lhe pediu um formulario de oração. Elle lhe respondeu :

«Recitae, ao vos levantar, um *Pater* e uma *Ave* ; depois, fazei esta oração : Senhor, preservai-me de um burguez arruinado, de um pobre enriquecido, de um usurario, da tutella de um procurador, dos «quiproquós» de um boticario, d'aquelles que ouvem missa duas vezes e dos que juram sobre sua consciencia ou sua honra.»

O Beijo e o Vinho

Ao J. Carlos

Tu te lembras, estouvada,
Quando sem modos, sem pejo,
Enchendo a bocca de vinho,
Passaste de vagarinho
A minha bocca, n'um beijo?
Achei a idea engraçada
E original o manejo...
A tua bocca encarnada
A me beijar de mansinho,
Sorria pelo meu beijo
Toda manchada de vinho...

Desde esse dia eu não vejo,
Para minh'alma embriagada,
Outra bocca em meu caminho.

A causa, entanto, estouvada,
Dessa embriaguez de desejo
Mais doce que o teu carinho,
Não pude ter decifrada...
Não sei si foi o teu beijo...
Não sei si foi o teu vinho...

LUIZ EDMUNDO.

Luiz Edmundo
J. Carlos

O COLLARINHO

Uma vez era um moço cujos unicos bens consistiam em uma Escova e um Pente. Com a Escova elle limpava todas as manhãs a poeira do chapéo e do casaco soado, alisava o cabello com o Pente e ia para o seu trabalho. Mas apezar de pobre, elle tinha um Collarinho muito alvo e lustroso, cuja historia vou contar.

Esse Collarinho com o tempo foi se tornando velho, e como não lhe sorria a perspectiva de uma velhice rheumatica, de chambre, sentado numa cadeira, sem uma companhia amiga, pensou em casar-se. Nessa disposição se achava elle, quando um dia se encontrou na Tina de lavar roupa, com uma Liga. Era uma bella Liga de seda côr de rosa, de dous dedos de largura, com fechos de metal dourado. O Collarinho foi tomado de subita paixão e disse lhe:

— Senhorita, nunca vi uma creatura tão vistosa e elegante como a senhora. Póde fazer o favor de me dizer o seu nome?

— Isso nunca hei de dizer! respondeu a Liga.

— Onde mora? insistiu o Collarinho.

Mas a Liga era muito pudica para responder a essa pergunta.

— Você é sem duvida uma cinta. Uma cinta de luxo; continuou o Collarinho.

— Não me trate por você, respondeu a Liga franzindo-se de contrariedade. Eu não lhe dei liberdade para tanto.

— Oh, quando se encontra uma belleza como você, a gente toma liberdade sem querer; retrucou o Collarinho, chegando-se a ella.

— Não se chegue assim tão perto de mim, porque o senhor me está parecendo homem; disse a Liga.

— Pois sou mesmo! respondeu o Collarinho. Sou um cavalheiro de bôa familia, e tenho meus recursos. Possúo uma Escova e um Pente.

Isto era verdade, porque a Escova e o Pente não eram delle mas do seu amo; o Collarinho porém era muito gabóla. Gabóla e ousado porque se foi encostando á Liga.

— Não se chegue assim para mim! gritou ella. Eu não estou acostumada a isto.

— Oh meu bem! disse o Collarinho e approximou-se. Houve na Tina um reboliço. Os Lenços, as Meias e o resto do pessoal tomaram o partido da offendida. Um alentado Guardanapo avança ameaçador aos gritos de «bolina fóra!» O tempo se ia fechando, quando duas mãos se intrometteram no barulho, pegaram toda a roupa, atiraram ao tanque para enxugar. A Liga, o Collarinho e os outros tomaram o mergulho, depois foram levantados, sacudidos, e suspensos na corda, ao sol, para seccarem.

Dahi a pouco a engommadeira veiu buscal-os. Quando o Collarinho se viu imprensado sob uma chapa quasi em braza (que era o ferro de engommar) suppoz que fosse uma viuva pesadona, inflammada de amor por elle, e disse-lhe:

— Minha cara viuva, já estou aquecido de mais. Aquecido e remoçado. Perdi as rugas, estou duro e forte. Sinto-me outro. Quer casar commigo?

— Baboso! exclamou o Ferro com desprezo, porque elle fazia de si uma idéa muito alta. E depois de passar e repassar sobre o Collarinho, se foi embora.

Com a violencia da engommação o Collarinho ficou um pouco esgarçado na dobra. Veiu a Tesoura aparar-lhe os fios.

— A senhora é, sem duvida uma dansarina; disse-lhe o Collarinho. Nunca vi pernas tão ageis! Que creatura encantadora e elegante! Nenhuma outra lhe passa a perna.

— Eu sei disso; respondeu sem modestia a Tesoura.

— A senhora merece ser uma duqueza, e eu possúo apenas uma Escova e um Pente. Ah, tivesse eu um ducado!

— Presumpçoso, quer me declarar amor! exclamou a Tesoura. Não conhece o seu logar! e ficando furiosa, agitou nervosamente as pernas, deu-lhe um golpe profundo, e foi serenar-se no seu quarto, que era um compartimento acolchoado de uma cesta de costura.

— Para eu não ficar solteiro, o meu recurso é a Escova; disse comsigo o Collarinho.

Atirando-se aos pés della disse:

— Senhorita, eu sempre tive muita inclinação pela senhora. Sempre admirei e gabei os seus cabellos. A senhora ainda não pensa em casar-se?

— De certo! respondeu a Escova. Você ainda não sabe que sou noiva do Pente.

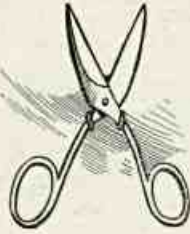
— Noiva! exclamou o Collarinho, desenganado com tantas decepções. Como não havia mais ninguem para casar-se com elle, elle passou a dizer que queria morrer celibatario.

Tempos depois as vicissitudes da vida deram com o Collarinho numa cesta de farrapos em uma fabrica de papel. Havia farrapos de todas as origens. Alguns tinham na sua mocidade brilhado nos salões aristocraticos. Outros tinham sempre vegetado em camadas mais modestas. Um retalho do lenço de uma princeza, um pedaço do corpete de uma dançarina, uma ligadura de hospital, todas tinham historias que contar. Mas quem mais tinha que narrar era o Collarinho, que era muito gabóla.

— Eu tive um immenso numero de namoradas, disse elle. As raparigas brigavam por causa de mim. E eu era com effeito um moço de apparencia brilhante, muito claro, e possuia uma Escova e um Pente. Ah se vocês me conhecessem nessa occasião! Nunca me esquecerei do meu primeiro amor. Foi uma cinta côr de rosa como uma escoceza, e tão delicada, tão bonita! Por amor de mim ella se atirou em um tanque d'agua. Depois foi uma viuva, pesada, que se inflamou tanto de amor por mim, que me queimou. E eu teria pegado fogo se não a repellisse. Depois foi uma dançarina. E como era graciosa! Por ciume ella me fez um ferimento de que eu ainda hoje tenho a marca. A minha propria

Escova se apaixonou por mim, e ficou com os seus cabellos brancos de tristezas pelo meu desprezo. Mas o maior pesar que guardo é de não ter correspondido á Cinta (referia-se á Liga) a qual por isso me atirou deu tro de um tanque. Ah, tenho muita coisa negra na consciencia, e por isso quero me regenerar em papel branco.

E assim aconteceu. Os farrapos foram levados para o tanque, manipulados e convertidos em uma bobina de papel. O collarinho foi transformado em um pedaço, que por coinci-

dencia é esta pagina onde está escripta por castigo a sua historia. Este caso deve servir de exemplo para os homens. A jactancia e a gabolice raramente deixam de receber o devido castigo.

P.

OS NOSSOS SOGROS

O X. fôra casado com duas irmãs. Quando enviuvou da segunda foi, passado algum tempo, á casa do sogro, pedir a ultima cunhada em casamento.

— Leve, homem, leve a minha derradeira filha. E Deus os faça felizes.

E quando o bi-genro ia sahindo :

— Olhe ! Se esta morrer tambem, não faça cerimonias, se quizer levar a mãe dellas.

OS NOSSOS GURYS

A mamãezinha volta da cidade onde passou parte do dia a comprar tres metros de renda e cinco de fita e quando entra na sala de jantar fica espantada por ver vasio no guarda-comidas um prato de bons-bocados que lá deixára pela manhã.

No podia ser senão obra do Sylvio, isso com toda certeza.

Chamou o endiabrado gury a explicações.

— Venha cá, meu filho. Foi você quem mexeu aqui no guarda-comida ?

O Sylvio depois de hesitar um pouco :

— Fui, mamãe.

— E isso se faz ? Foi você quem tirou os doces que estavam naquelle prato ?

— Fui eu sim, mamãe, mas não precisa ficar zangada...

— Não precisa ficar zangada ? Essa agora é boa !... Pois então você na minha ausencia enche-se de doces que eu deixo em casa...

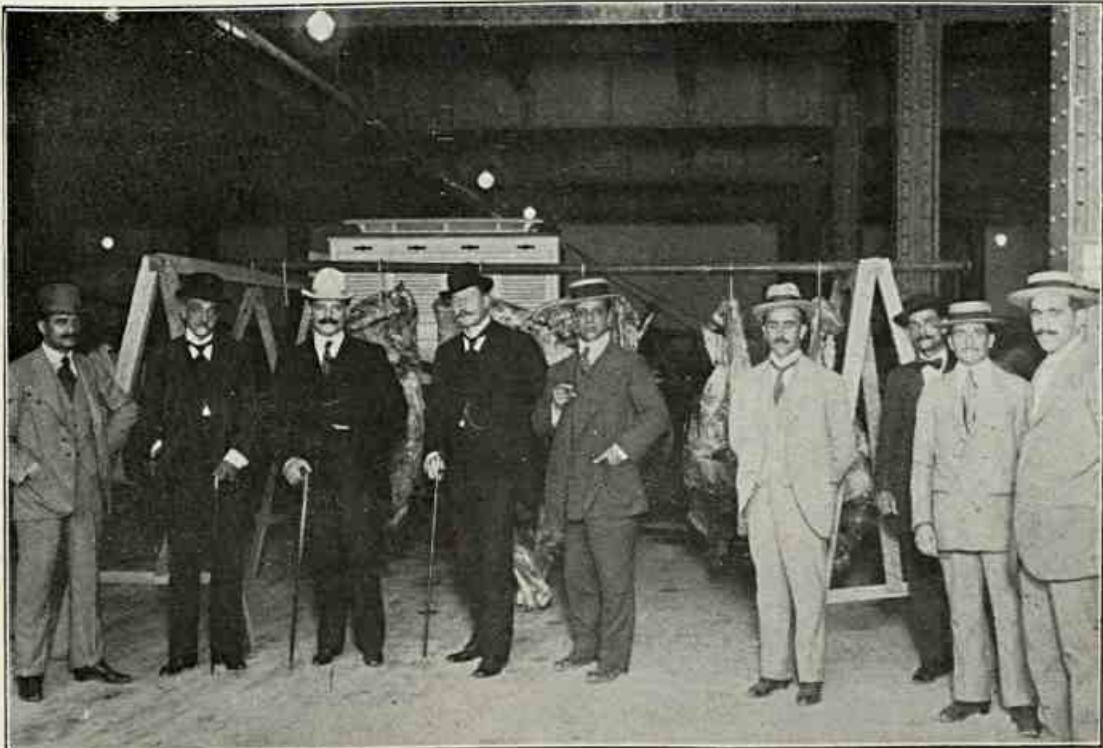
— Se a senhora soubesse !...

— Se eu soubesse o que ?

— Eu tirei os doces para dar a um menino, coitado, que estava com tanta fome !... Se a senhora visse como elle ficou contente, até chorava de gosto. Comeu tudo, tudo, sem deixar migalha...

A mamãezinha enternecida :

— Vem a meus braços meu anjinho. Quero que tenhas sempre um bom coração. E que menino era esse, Sylvio ?

— Era eu mesmo, mamãe.

Visita do Prefeito aos vagões frigorificos

CASAL AMUADO

— Cecilia, tu me fazes verdadeiramente desgraçado sempre que ficas exigente.

— Não sou exigente, peço-te apenas o que sei que me podes dar. A tua desgraça é o Club. Antes de casares devias ter estudado bem o teu genio e os teus pendores para não me fazeres uma victima das tuas loucuras.

— Ha homens que procedem como verdadeiros loucos, quando amam...

— E' verdade; mas ha maior numero d'elles, ainda, que não esperam por essa desculpa para o serem.

Espera-se sempre em vão gosar da vida, e, por fim, tudo quanto se faz é supportal-a.

VOLTAIRE

N'uma praia de banhos

Um inglez dos mais fleugmaticos, estava sentado n'uma cadeira de vime, á tarde, n'uma praia de banhos, vendo os banhistas folgarem com as ondas.

De repente um banhista foi arrebatado por uma onda que o affastou muito da praia. Era um novato que começou a gritar n'uma afobação terrivel:

— Soccorro! soccorro! acudam-me!...

Os banhistas, assustadissimos, perderam a calma, e, em vez de acudirem ao desgraçado que se afogava, vieram para terra apalermados.

Pelas nossas praias

Uma senhora, vendo que a unica pessoa que tinha calma era um inglez, perguntou-lhe:

— O senhor por que não acode áquelle infeliz?

— Mim estarr tode vestide.

— Pois tire a roupa que não ha tempo a perder.

— O' já non tem mais tempe.

— Tente sempre.

— Mas elle non sabe nadarr?

— Não sabe, coitado...

— Enton tem a gore um bom casion de aprenderr. Grite pra elle bate braces e pernas e fique virade pra cá que elle vem pra terre, se non vem culpe non é minhe.

ANEDOCTA DA GUERRA

Depois de um grande combate na Belgica um senegalez que atravessava o campo foi atirahido por gemidos que sahiam de uma moita. Marchou para o ponto de onde partiam e achou um soldado de que uma bala levara uma das pernas. Penalisado carregou-o aos hombros e transportou-o para a ambulancia mais proxima.

No caminho porém disse:

— Olha lá, seu allemão, muito cuidado agora, nós vamos atravessar toda uma zona que os canhões dos teus camaradas continuam a metralhar. E' bom que você se encolha para não ser apanhado outra vez.

E friamente começou a atravessar a zona perigosa. Justamente em meio della uma nova bala carrega com a cabeça do pobre ferido allemão sem que o senegalez o percebesse.

Aproximava-se das ambulancias quando encontrou-se com um official que o interpellou:

— Que diabo fazes tu? Divertes-te carregando cadaveres?

— Não é um cadaver, meu capitão. E' um pobre ferido allemão, que perdeu uma perna.

— Uma perna? O que elle perdeu foi a cabeça. Olha bem.

O senegalez arriou o fardo e examinou-o. Verificando que na verdade faltava a cabeça, ficou perturbado e disse:

— Esses diabos nunca falam a verdade. Foi elle mesmo que me disse que tinha perdido só uma perna.

Originalidade — Ninguem é original, no sentido estricto da palavra. O talento, como a vida, se transmitte por infusão; é preciso viver em um meio nobre, tomar o «espirito de sociedade» dos mestres.

FLAUBERT

ENTRE AMIGOS

— Até que emfim te encontro! Onde te metteste hontem a tarde que não te pude encontrar?

— Fui á festa da *Sociedade de Soccorros Mutuos.*

— Ah! então já sei que te divertiste a grande.

— Ao jantar; ao jantar diverti-me bastante.

— Comeste como uma lôrpa, não?

— Comi e ri muito.

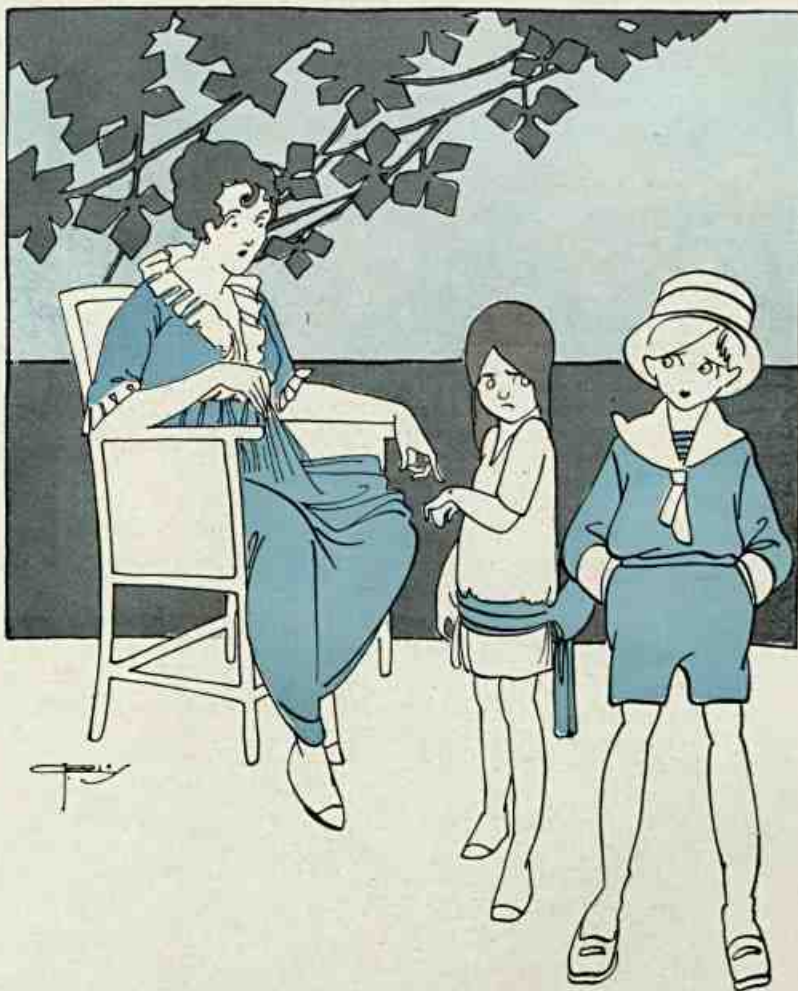
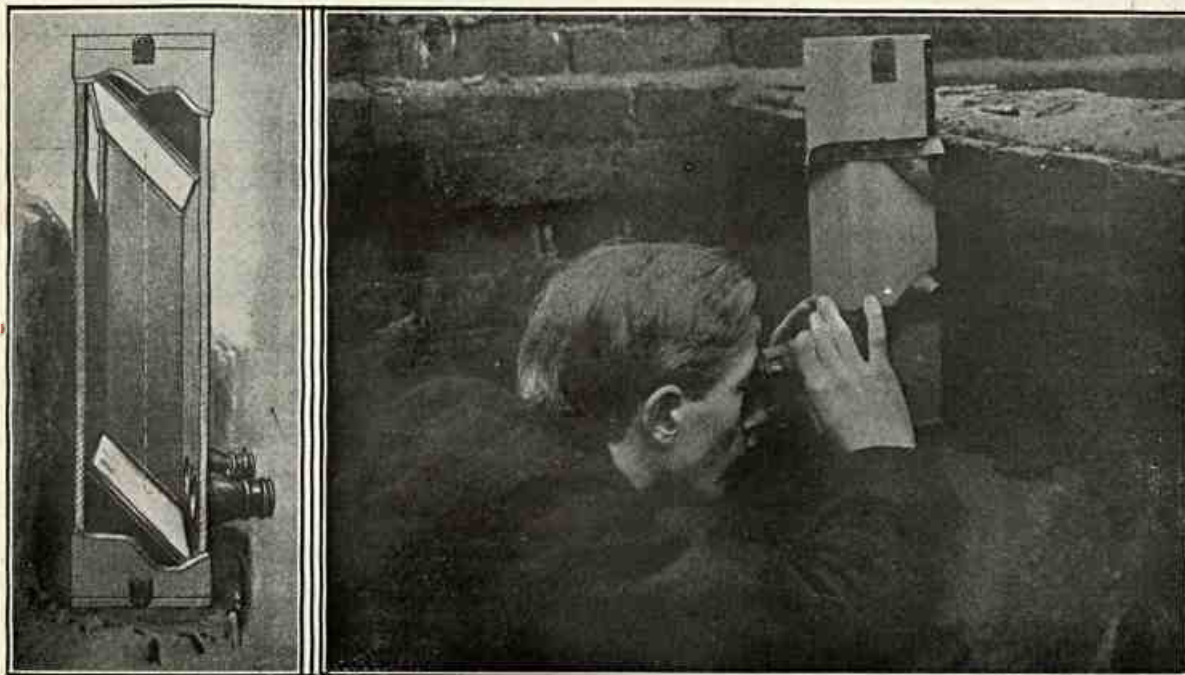
— Já sei; com certeza estava lá o Chaumiço...

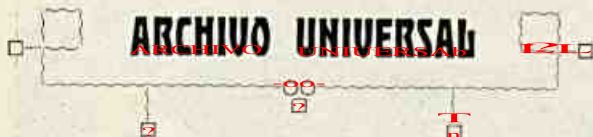
— Não. Imagina que havia um socio que não tem o braço esquerdo e a perna direita; pois esse cavalheiro lembrou-se de fazer uma saúde aos membros auzentes.

A conversação na sociedade é sempre tão baixa que não ha nella logar para o santo nem para o sabio.

EMERSON

Os máos exemplos

— Nós estavamos brincando de guerra. Eu era a Belgica e elle a Allemanha. De repente elle me deu um empurrão e arrebatou o meu pão com manteiga.

PERISCOPIO "FIELD-GLASSES"

Instrumento de observação usado pelos inglezes no campo de batalha e que previne muitas casualidades entre os officiaes de artilharia. O diagramma ao lado mostra o interior do instrumento com seus dois espelhos

ARCHIVO UNIVERSAL

A esterilisação da agua pelo vinho. — Todos sabem que o vinho e a cidra são bebidas hygienicas, cujo uso moderado presta os maiores serviços, principalmente ás pessoas cujo organismo se reveste de duras fadigas. Mas além de reconfortantes, taes bebidas são antisepticas, como todos os liquidos alcoolicos, e tornam inoffensiva a agua á qual, algumas horas antes do consumo, se misturam em partes iguaes. Os trabalhos de Gaillard revelam as gráos de semelhante acção microbicida. E' mediocre o valor da cerveja na diminuição dos microgermes contidos na agua: ella restringe apenas de 50,41 % o numero dos infinitamente pequenos. Maior é o poder dos vinhos doces (93,65 %), dos vinhos tintos (94,5 %), dos vermouths e bitters (96,27 %), do champagne (96,34 %), dos preparados de cidra (97,19 %), do chartreuses (97,34 %) e sobretudo dos vinhos brancos seccos (98,88 %). Ha microbios que resistem ao liquido que se junta á agua onde vivem, mas são especies innocentes. Preferir aos licores distillados as bebidas fermentadas hygienicas (vinho e cidra) como recurso de antisepsia é o conselho de Gaillard, — após numerosas experiencias.

•

A Republica de São Marinho. — Este pequeno paiz, de 61 kilometros quadrados, encravados nas provincias italianas de Forli e Pesaro Urbino, lembrou recentemente e com altivez a Guilherme II a sua condição de Estado soberado. Pequeno, sim, mas energico, o povo de São Marinho soube impôr o respeito á sua velha bandeira azul e branca.

E, fazendo-o, mereceu a honra de largas referencias da imprensa européa. A sympathica republica conta 10 000 habitantes, tem uma receita annual de 400 000 liras e uma divida publica de 12 500.000 liras. O seu exercito (carabineiros e policia) compõe-se de 38 officiaes e 950 homens. Lendo esses numeros, recorda-se a gente de Swift. São Marinho, politicamente, em estatistica, é na verdade como um *Lilliput*. Montenegro, á vista da pittoresca e minuscula naçãozinha, avulta como uma grande potencia. 70.000 soldados! que gigante!

•

A guerra e a industria. — A guerra actual, que tão profundamente perturba a vida economica da maioria dos paizes da Europa, prejudica relativamente pouco a industria ingleza. A população operaria da Grã-Bretanha não foi bruscamente attingida pela mobilisação geral e a crise de certas industrias compensou-a a importancia do fabrico de objectos

militares de toda especie. Dahi, o insignificante registro de operarios sem trabalho na Inglaterra, após a declaração de guerra (2,5 o/o em fins de outubro).

As industrias inglezas mais attingidas pela grande lucta são as do algodão e do carvão. A industria siderurgica parece destinada a dividir com a dos Estados Unidos o fornecimento das enormes quantidades de ferro e aço necessarias e que a Allemanha, a Belgica e uma parte da França, não poderão sem duvida produzir durante algum tempo.

•

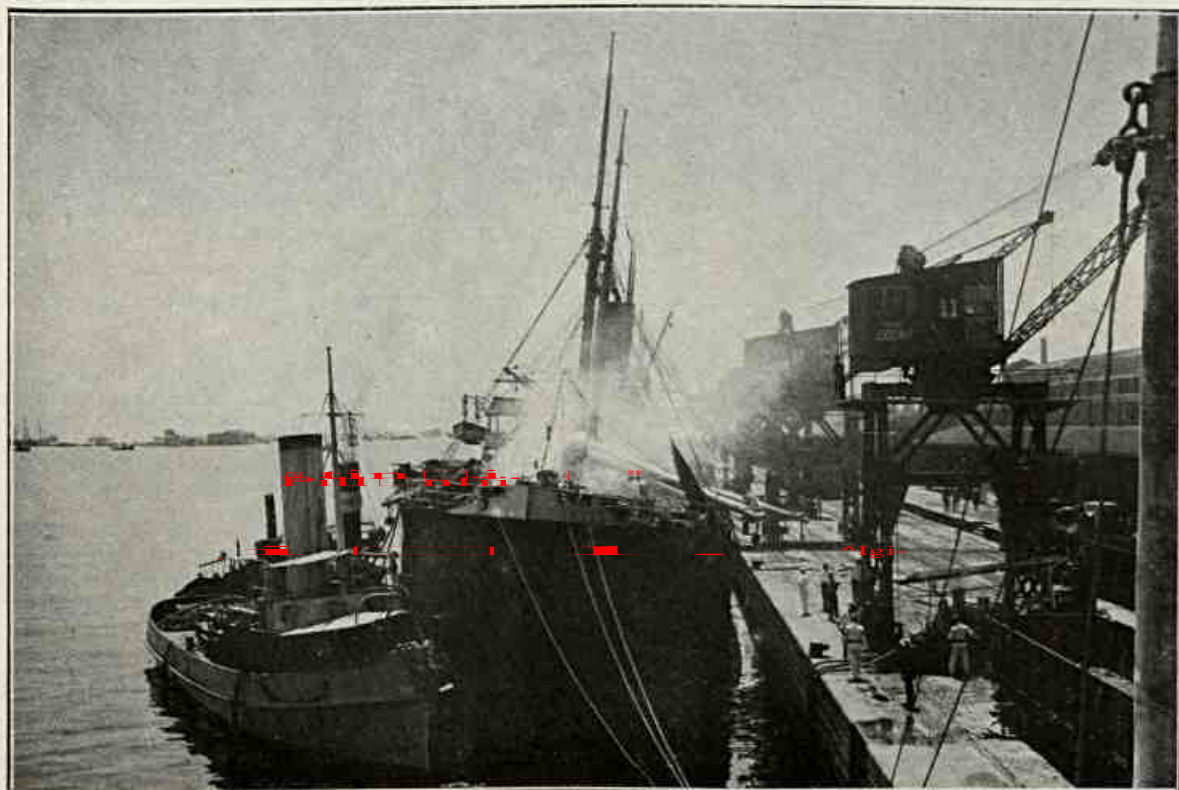
Uma batalha ganha pelos auto-taxis. — Que papel coube nos primeiros mezes de guerra aos automoveis encaminhados aos campos de batalha? Recentes communicados do governo francez permittem, entre outros, a seguinte resposta: a victoria do Marne foi obtida em grande parte pela intervenção desses vehiculos. Ao numero e á rapidez dos automoveis deve o general Joffre a realisação integral do seu plano. Sem elles, o exercito — Maunory, que operou decisivamente sobre a extrema direita allemã, não teria recebido os reforços que lhe permittiram agir e determinar o movimento de retirada das forças inimigas. Outro relato official mostra a tarefa gloriosa dos *autobus* de Paris empregados nos dias iniciaes da mobilisação franceza. Cada *autobus* transportava quarenta soldados e só no segundo dia quinhentos partiam para a fronteira. Logo em seguida, outros mil voavam através das largas estradas de França, a rumo Norte. Assim, no espaço de vinte e quatro horas, 60.000 homens eram transportados de Paris ás raias septentrionaes da Republica, auxiliando o transporte nos comboios de via-ferrea.

A FORÇA NAS VARAS

Authentico.

Pouco antes das eleições municipaes de 1907, em Minas, que foram muito disputadas, um candidato a vereador pelo districto de Varas (municipio de Diamantina) começou a insistir com o chefe politico governista para obter do Secretario do Interior a creação de uma escola no arraial. Como tardasse a providencia pedida, o candidato fallou francamente ao chefe:

— Os eleitores estão exigindo a escola e eu já a prometti. Si V. Ex. não puder crea-la antes da eleição, nós perdemos toda a força nas Varas.

INCENDIO A BORDO

Vapor inglez "Spencer"

A proposito da carestia do "beef"

Ha alguns annos, em S. Paulo, a carne verde foi subindo extraordinariamente de preço, até desapparecer, por completo, do mercado, crise esta provocada por uma longa e teimosa gréve dos marchantes revoltados contra uma lei da Prefeitura que lhes feria os interesses.

Na nossa *republica*, porém, essa carestia não produziu abalo sério, porque substituiamos o *beef* ausente por peixe, bacalhau, carne de porco, xarque do Rio Grande, etc. Todos nós estavamos muito satisfeitos com a criteriosa administração do *presidente* naquella emergencia. Ninguem se queixava, menos o Hypolitho Tourinho, rapaz morigerado, de saúde delicada, maniaco pela hygiene, adversario do vegetalismo, mas só admittindo em zoophagia a carne de vacca, de carneiro, de cabrito, e mais de uns tres ou quatro animaes.

Em antinomia completa com estas idéas estava o nosso companheiro Ostalio Mendes, partidario da alimentação omnivora, chegando a preconisar o uso dos gafanhotos, como S. Jão Baptista, e dos ninhos de andorinhas como os chinezes. Certa manhã os dous collegas chegaram a ter, sobre tal assumpto, uma controversia azeda que quasi acabou em vias de facto.

Dizem que da discussão nasce a luz. E' verdade, pois na violenta disputa eu aprendi uma cousa que ignorava.

— E' sabido, dizia Hypolitho, que os Turcos, Arabes, Persas e Judeus de todas as partes do mundo têm horror pela carne de porco. Não é menos certo que milhões de Hindús são capazes de vomitar só ao pensar num *beef*, e que o cheiro de uma lebre cosida é particularmente repugnante a um estomago russo.

Ostali affirmava não ter antipathia por nenhuma d'essas carnes, nem mesmo pela do cavallo que grande beneficio prestou aos habitantes de Pariz, no cerco de 1871. O outro, enojado, citou a opinião do papa Gregorio III sobre o *beef* equino — *Immundum est et execrabile*, e o conceito de Alphonse Karr, esse papa das flores: «Les répugnances de l'estomac sont souvent invincibles.» Ostalio citava as enthusiasticas opiniões hypophagicas de Geoffroy Saint Hilaire, Quatrefages, Brillat Savarin, etc. e jurava que a repugnancia pela carne do cavallo provinha da falta de costume: uma pessoa qualquer comeria com prazer um *beef* de cavallo, se suppuzesse ser de vacca ou de cabrito. Hypolitho negava com furor, lembrando casos de Sedan em que francezes famintos morriam ao ingerir tal carne.

No dia seguinte, após o jantar, em que foi muito elogiada uma esplendida estufada, arranjada pelo Ostalio, acepipe de que ha muitos dias não provavam os estudantes da *republica*, o Hypolitho vestiu-se elegantemente, perfumou-se, tomou um carro no largo da Sé, e mandou tocar para um palacete da Alameda dos Bambús, onde havia um baile. Da tactica e habilidade que desenvolvesse naquella noite dependia o seu casamento com uma formosa joven, herdeira unica de uma familia rica e «podre de chic», como diria o Damaso d'*Os Maias*.

Já passáva de meia noite; o baile flammejava: Hypolitho, quasi victorioso, passeava com a moça, de braço, quando um creado veiu lhe entregar uma carta, trazida por um mensageiro. Depois de pedir licença á joven, o estudante rasgou o envolucro e leu: num bilhete laconico o perfido Ostalio lhe communicava que a carne que elle tanto apreciava ao jantar, era... de um cavallo morto de desastre no Cambucy. O infeliz sentiu logo como uma pancada no estomago, a bocca encheu-se-lhe de agua e... não se contendo, alli mesmo, na sala, vomitou abominavelmente, salpicando de manchas escuras o opulento vestido da joven que, de furia e indignação, teve um «chilique.»

. . . .

Foi este o motivo pelo qual o mofino Hypolitho perdeu um casamento rico na «elite» paulistana, estando hoje casado no Sul de Minas com a viuva de um dentista, megéra quarentona e obesa, que o espanca ás vezes, contra os preceitos das Ordenações do Reino.

CIRO ARNO

SCENAS CARIOCAS

Instantaneos

Ainda haverá quem queira ser boi nesta terra?

Não Riva, não espete mais!...

ENTRE CASADOS

ELLE (que queria lêr, no que era interrompido pela esposa que cantava ao piano) :

— Ah ! minha querida, como eu desejava ter a tua voz !

ELLA (que interrompeu o canto para o attender :

— E tinhas razão : podias gozar muito com o uso d'ella.

ELLE — Não, filha ; entendeste mal. O que eu queria que comprehendesses é que se eu tivesse a tua voz poderia fazel-a parar quando quizesse.

INSTANTANEOS

OO OO

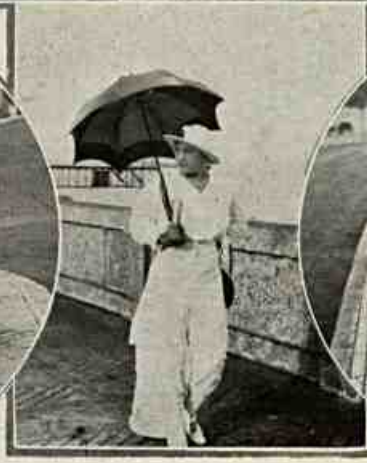
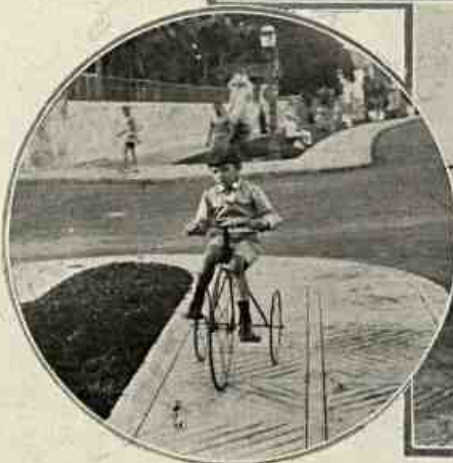
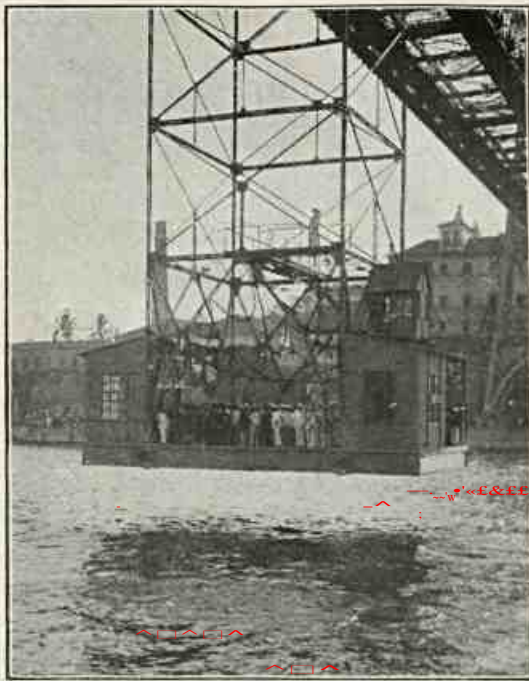
Um accusado estava sendo interrogado acerca de certas palavras escandalosas que disséra contra o imperador.

— E' verdade que disse isso, e se o vinho não é tão ordinario, teria dito muito mais...

OO OO

Os embaixadores da Asia Menor vieram ver Antonio, que lhes tinha lançado um imposto duplo e disseram-lhe :

— Se quereis dois tributos em um só anno, dá-nos duas sementeiras e duas colheitas.

OO OO

O Dr. Wenceslau inaugura a ponte e vê de perto uma das obras que contribuiram para a ruina da nação

O Transportador no trajecto do Arsenal para a ilha das Cobras com a comitiva presidencial

O emprego do arame

— Porque anda você tão preoccupado, Antenor?

— E' cá um negocio. Imagina que recebi cincoenta contos de herança de uma tia e ando a pensar em que devo empregal-os.

— Deposita-os em um banco.

— Não tenho confiança nos bancos.

— Então na Caixa Economica.

— Não tenho confiança nas caixas economicas.

— Applica-os em hypothecas.

— Tenho medo de ser logrado.

— Compra um cinematographo.

— Com a guerra as fitas boas não veem.

— Que diabo, então compra apolices.

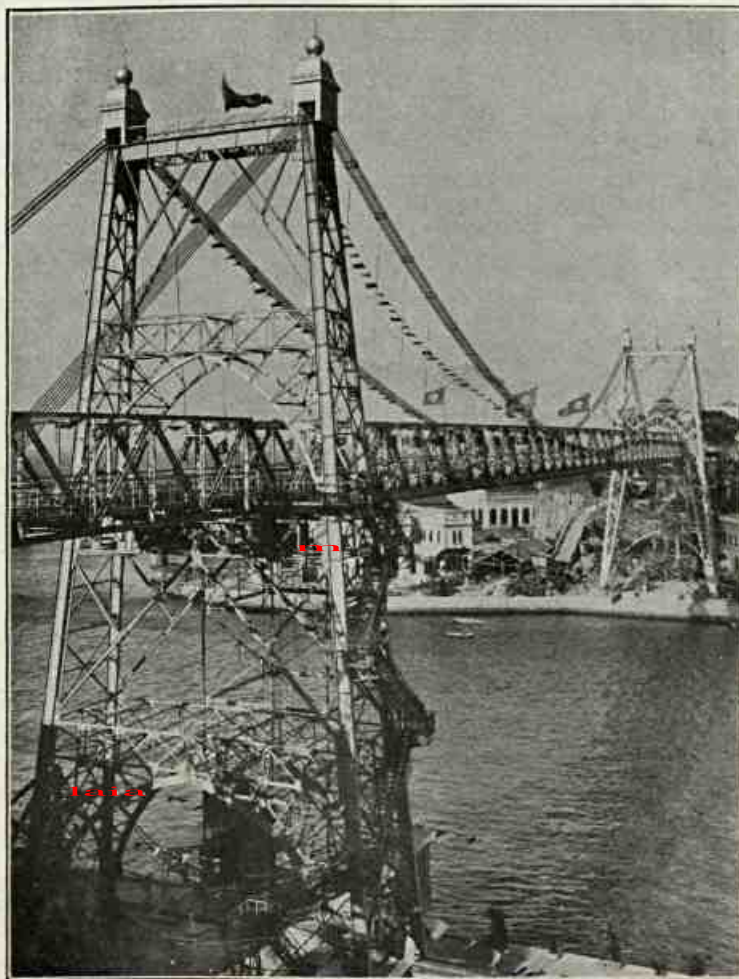
— Apolices? Ellas estão baixando cada vez mais.

— Mas podem subir, e o lucro é certo.

— Subir, pois sim! Se eu tivesse certeza que ellas subiam, compral-as-ia, com certeza.

— Homem você quer empregar em uma cousa que sobe com certeza?

— Se achasse.

— Então emprega-os em foguetes e balões. O S. João está perto.

A Nova Ponte que liga o Arsenal de Marinha á ilha das Cobras

O PATINHO TORTO

I

— Comadre Marreca, comadre Marreca corra aqui, venha depressa! gritou a Pata inquietamente como sob a impressão de um grande susto.

A Marreca chegou-se immediatamente, as penas arripiadas, alarmada pelo susto da Pata.

— Veja isto, comadre, veja.

A outra estendeu os olhos em redor.

— Não vejo nada.

- Aqui, no meu ninho. Aquelle ovo... Repare.

A Marreca cravou os olhos no ninho e depois os cravou na Pata, sem palavra com uma interrogação estatelada no olhar brilhante.

— Repare, comadre, repare, repetiu a Pata.

A Marreca perguntou assustada:

— E' seu?

— Meu? Não. Não sei de quem seja. Saí do ninho ha meia hora para arejar um pouquinho e quando voltei deparo com isso. Veja só que bruto!

Era realmente um ovo grande, duas ou tres vezes maior que cada um dos ovos da Pata.

— Mas, comadre, como foi isso? indagou a Marreca.

— Já lhe disse. Palavra que não sei.

Era no Condado das Aves Domesticas, no Instituto da Maternidade, conhecido mais vulgarmente pelo Palacio do Chôco. O Instituto fôra construido pelos poderes publicos do Condado para que as aves alli fossem chocar. Quando cada uma dellas sentia que se lhe approximava a epoca do choco era só chegar a porta do estabelecimentoo e inscrever-se. Havia um corpo de de empregados que se encarregava da hygiene e do conforto do Instituo. A cada ave era dado um ninho nos diversos salões do vasto predio. O ninho da Pata, nas visinhanças do ninho da Marreca, ficava num pateo claro, sob umas arvores frondosas.

— Que faço comadre? Diga!

A Marreca ficou silenciosa uns minutos, interrogando depois:

— Você tem certeza que esse ovo não é seu?

A Pata sorriu-se:

— E bôa! Pois então não conheço a minha organisação?!

— Então ponha-o fóra!

A Pata ficou a olhar a companheira. Pol-o fóra? Não, isso não era assim. Era necessario em primeiro lugar saber de onde tinha vindo aquelle ovo intruso, quem alli o havia trazido, quem alli o havia collocado. Seria alguma pilheria? Seria alguma maldade? Não era possivel. Dos animaes que chocavam no Instituto não havia um só que tivesse um ovo tão grande. Que seria então?

— Franqueza, comadre, franqueza, confessou a Marreca. Não comprehendo. O melhor nessa coisa é você botar fóra o diabo desse ovo.

E chegando-se ao ouvido da Pata:

— Tenho receios que haja nisso algum feitiço.

— Feitiço? Quem seria capaz de vir ennodoar a digna e nobre funcção da maternidade com porcarias de feitiços. E ella, ella a Pata que não tinha um inimigo...

— Isso é que você não sabe. Alguma invejosa por ahi. Ha muita invejosa neste mundo, comadre. Eu no seu caso punha fóra esse ovo.

A Pata esteve para seguir o conselho da Marreca, mas os seus olhos fitaram novamente o ovo alli estranhamente arrumado entre os seus ovos. Um sentimento de alta maternidade vibrou-lhe o coração. Sentiu uma certa repulsa em apartar d'alli o ovo. O facto de vel-o misturado com os seus ovos accendeu-lhe o desejo de o chocar como ia chocar os seus. O calor que ia chocar os della, chegaria para chocar aquelle. E porque não?

E voltando-se para a Marreca:

— Comadre eu sou muito curiosa. Eu quero saber que diabo é isso. Já agora vou ver em que isso dá.

— Que vae você fazer?

— Chocal o.

— Você, comadre?

— Eu mesmo. O que fôr o tempo se encarregará de mostrar.

E deitou-se maternalmente no ninho.

II

A Marreca era uma lingua respeitavel. Em poucos minutos todo Palacio do Chôco sabia que no ninho da Pata havia apparecido, sem que se soubesse como, um ovo, um grande ovo que era maior que os ovos dos Avestruzes, um ovo colossal que quasi tomava todo o ninho. Foi um fervilhar de curiosidade. As Gallinhas, as Perúas, as Pavôas, correram immediatamente ao ninho da Pata.

— O ovo, comadre, mostre-me o ovo.

A Pata, a chegada de cada visita levantava-se de sobre os ovos para mostrar o «phenomeno» como no Palacio do Chôco estava sendo designado o ovo colossal.

— Mas não é tão grande como me disseram, dizia um.

— Ouvi dizer que era um ovo que mal cabia no ninho, dizia outro.

— Que pessoal desesperado para augmentar, dizia ainda outro. Eu estava pensando de encontrar um ovo maior do que você, comadre Pata.

E alli em roda do ninho cada um procurou dar a sua explicação para o «phenomeno».

Uma Gallinha era da opinião da Marreca. Aquillo só podia ser feitiçaria e feitiçaria grossa. Naturalmente fôra alguem que collocara aquelle ovo alli, para mal impressionar a Pata e fazer com que essa impressão se communicasse aos outros ovos e sahisse uma ninhada ruim.

— Tem gente que tem inveja até dos nossos filhos quando elles são bonitos, creia! concluiu.

A Pavôa já não pensava assim. Aquillo tinha forçosamente uma outra causa. O ovo fôra collocado no ninho quando a Pata saira para arejar. Bem podia ser que, no momento em que a Pata estava arejando tivesse por alli passado um passaro qualquer que apertado para pôr, encontrando aquelle ninho não tivesse alli posto o seu ovo?!

— Não creio, disse a Perúa. Ha muita coincidencia junta. A saida da comadre Pata coincidindo com a passagem do passaro que coincidia com a occasião

de estar apertado pela postura. Não creio. A cousa parece-me outra.

— Diga.

— O ovo é de comadre Pata.

— Meu ?

— E' possivel, continuou a Perúa. Os nossos ovos nunca são mathematicamente do mesmo tamanho. Ora maiores, ora menores. Você poz um maior. Nada mais natural.

— Pois então comadre eu não conheço as minhas coisas ?

— E' possivel, explicou a Perúa. Eu propria tenho tido ovos tão grandes de que eu mesma me espanto. Você teve esse, não reparou e só agora, porque prestou mais attenção, foi que deu com a historia.

A Pata protestou. Nunca ! Tinha absoluta certeza de que aquelle não era seu. E apresentou argumentos, affirmou, jurou solemnemente.

Em poucas horas a noticia do «phenomeno» tinha transposto os humbraes do Palacio do Chôco. Nas ruas sedizia que houve um «bruto escandalo» no Instituto da Maternidade. A' noite o *Noctivago*, jornal dirigido pelo Bacurão, noticiou com muita reserva e muita adulteração o tal «escandalo» de que a cidade estava cheia.

No outro dia o Palacio do Chôco foi invadido por uma pleiade bisbilhoteira de reporters d'azas. Queriam todos saber a historia do ovo, os antecedentes do «phenomeno».

A Pata foi retratada, entrevistada por uma chusma de jornalistas. Nesse dia os jornaes trouxeram lhe o retrato, a photographia dos ovos, as dimensões exactas, narrando a biographia da Pata em todas as minucias.

E explodiu, na imprensa uma discussão tremenda entre os sabios alados para a apparição d'aquelle ovo estranho.

Puras divagações theoricas. Ninguem procurou estudar o ovo, examinal-o detidamente para saber de quem elle tinha vindo todos, com os argumentos mais extrovagantes só se preoccupavam em mostrar quem o havia collocado no ninho da Pata.

A discussão tomou um calor excepcional.

Chegou a tal ponto que a Pata se viu na contingencia de mandar uma carta aos jornaes, pedindo que não fizessem tanto escandalo em roda da intimidade sagrada de sua alcova.

(*Continúa*)

(Da *Arca de Noe*).

Viriato Corrêa

Artificio da lisonja

Luiz XV, tendo de vêr os novos departamentos da guerra, entrou por toda a parte ; e no de M. Dubois, tendo encontrado um par de lunetas, tirou-as :

«Vejamos si ellas valem as minhas.»

E pegou num papel, alli collocado propositalmente, segundo parecia. Era uma carta em que entrava um elogio pomposo do monarca e de seu ministro (o duque de Choiseul). Sua Majestade, atirando com precipitação as lunetas, disse :

«Não são melhores que as minhas ; augmentam muito os objectos.»

O vendedor de ovos

— E depois o que fazes do dinheiro dos ovos ?

— Vai para a caixa economica.

— Então já deves ter muito dinheiro.

— Eu, não. Esse dinheiro mamãe entrega ao taverneiro em troca de comida. O taverneiro manda-o então para a caixa economica.

O aviador inglez Francis E. T. Hewlett, que no Raid Aereo a Cuxhaven salvou-se permanecendo n'agua durante 6 horas.

O espirito na guerra

Foi durante o avanço allemão até as margens do Marne. Um capitão allemão chegando a Reims, entrou em um hotel e pediu como primeiro prato uma duzia de ostras. A creada (pois que os creados tinham sido todos incorporados aos seus regimentos) começou a sorrir-se quando ouviu o pedido.

— Que tialso dem focê que olhar bara mim com esse riso? perguntou o capitão.

— E' que o senhor se expõe a um grande perigo.

— Qual berigo?

— O de ficarem treze á mesa.

O Capitão Arthur N. Loxley. Conta um dos sobreviventes que quando viu pela ultima vez o navio, o seu commandante e o Capitão Loxley conversavam no tombadilho.

Serviço telegraphico especial da "Careta"

BERLIM, 26 (Directo)

As noticias espalhadas pelos jornaes dos paizes alliados sobre continuas deserções dos soldados allemães que fogem para Hollanda são justamente o contrario. Varios soldados hollandezes é que têm transposto as fronteiras procurando engajamento em nossos exercitos, o que lhes tem sido systematicamente recusado. Os voluntarios que acodem diariamente aos nossos quarteis são tantos que o governo está licenciando os soldados mais antigos para dar lugar aos novos.

LONDRES, 26 (Directo)

Começou hontem o desembarque dos allemães nas costas inglezas. Chegaram nessa primeira expedição cerca de 75.000 transportados da Africa, Belgica, Oceania, que foram immediatamente remettidos para os campos de concentração onde ficarão bem vigiados.

COPENHAGUE, 26 (Directo)

Noticias que chegam de Berlim, affirmam que dentro em breve toda a esquadra allemã será transportada pelos balões rigidos systema Zeppelin para o Atlantico. Aqui não se acredita na efficacia desse plano.

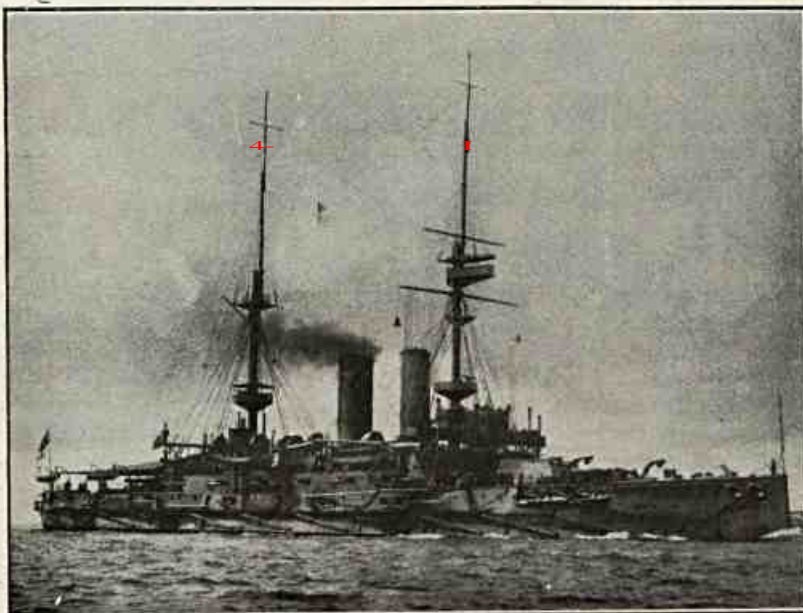
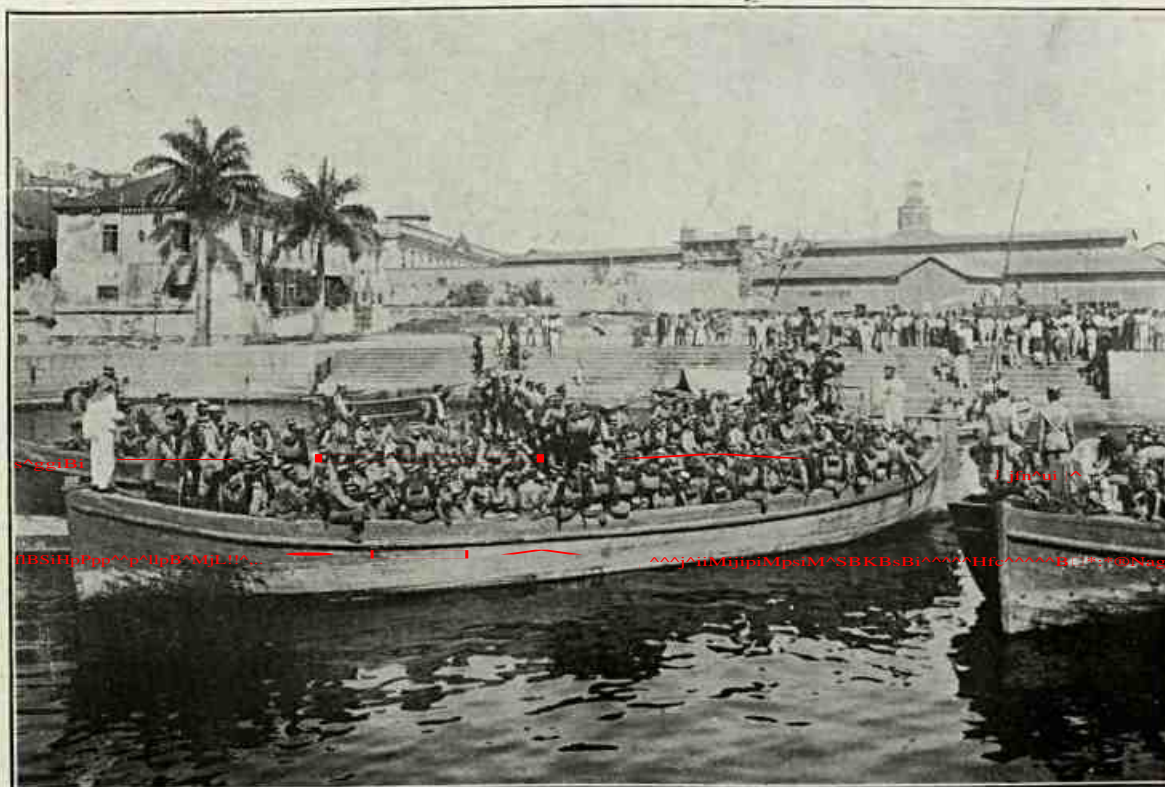
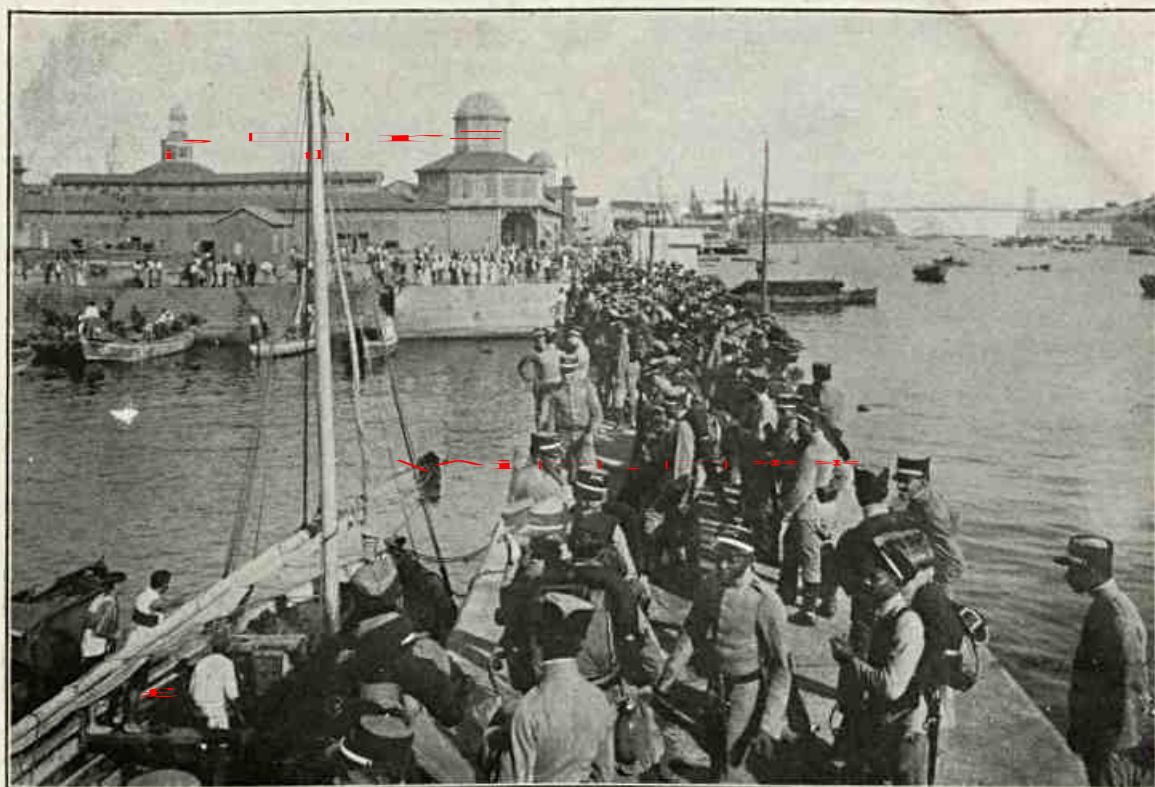
O luxo — As pessoas habituadas ao luxo têm uma apparente simplicidade que engana. Ellas o desprezam; ellas servem-se delle; elle é um instrumento e não a preoccupação da sua existencia.

BALZAC

Perguntando-se a Solon se tinha dado aos athenienses as melhores leis, respondeu:

— As melhores que elles podiam ter.

E' ás vezes ganhar muito o saber perder a proposito.

TERENCIO

O «Formidable» que foi a pique na Mancha na tarde de 1º de Janeiro

Embarque das forças para o Paraná

SONETOS

I

"Ruinas Vivas"

(Ao fulgurante talento de Alcides Maia — homenagem de meu talento.)

Derruida, em meio ao pampa, é uma lembrança viva
A tapéra : a seu lado ha um mattagal bravio :
Dá-lhe o Sol fulgurando os ardôres do estio . . .
E' como que um signal da Vida primitiva !

Noite e dia, a escutar os marulhos do rio
Que o passado esplendôr destas ruinas lhe aviva,
Se esborcina a tapéra, onde alguma ave esquiva
Fez o ninho, fugindo aos rigôres do frio . . .

Ella é a recordação heróica d'uma raça . . .
Canta um hymno de morte o minuano que passa
Sob o céu do Rio Grande — um céu profundo, azul !

Desmoronou-se e cáe, deixando sobre a terra
Rumôres de combate, átros ruidos de guerra
Na doce ondulação das coxilhas do Sul !

1915.

ARMANDO BARROS CASSAL

II

Ao grande poeta

ALBERTO DE OLIVEIRA

"Poeta, teu verso claro e corredio encanta . . ."
(Poesias — Alberto de Oliveira.)

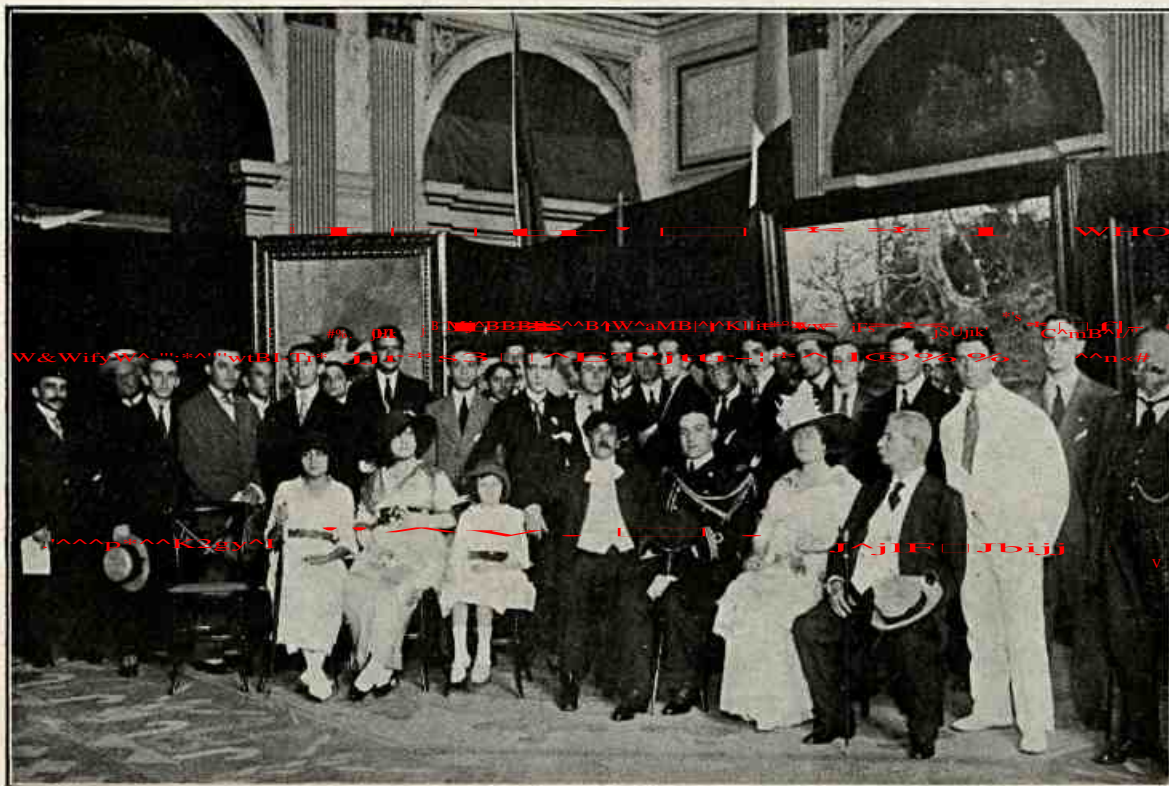
Salve, Eleito de Zeus ! Apóstolo do Verso
Que da Arte junto ao altar pontifica sublime !
A Vida, a Morte, o Amor, oh ! tudo a Estrophe exprime
Na Vida que lhe dás, no mólde mais diverso . . .

O teu sonho immortal, delle captivo, immerso
No Oceano-Inspiração, pedes á alma que o anime :
E o Verso, a Rima de oiro, o Genio teu que os lime,
Que aos demáis vá mostrar teu nobre estylo terso !

Esculptor da Palavra ! a Lingua Portugueza
Em ti confia como um rei na sua guarda,
Artiste sem rival que o Patrio Idioma préza . . .

E a tua penna, Alberto, é uma invicta alabarda !
O seu fulgôr obumbra ás joias da realeza
E o Verbo de Camões immáculo, resguarda !

1915.

ARMANDO BARROS CASSAL

Inauguração da Exposição Parreiras

E não nasceu em Tarascon!

O Coronel põe o Barão de Nünchausen n'um chinello.

E' um velho enxuto de carnes, esgrouviado, que nasceu quando Campinas ainda era a villa de S. Carlos. Conta que, já taludo, fez D. Pedro I saltar por uma rotula da Ladeira do Assú, em S. Paulo, malhando com os fundilhos dos seus reaes calções d'anta nas duras pedras da calçada.

O Coronel perambulou pela Europa nos aureos tempos da «crinoline», dos bigodões encerados de «Badingue» e da guerra da Criméa.

Contando essas viagens, o Coronel dá largas á sua delirante imaginação. Falla pausado, com gestos lentos, cofiando a barbinha rala, piscando os olhinhos d'um azul sujo.

Pois meus senhores, uma vez, na Academie des Sciences, quando Pasteur fallava, o Coronel deu-lhe um aparte azedo! Aparteou e discorreu com facundia sobre as virtudes do cipó-cruz nas mordeduras de cobra.

Pasteur gostou, deu-lhe pancadinhas nas costas, nomeou-o logo membro correspondente da douta Academia, em Campinas.

Pois não é que o Duc de Morny, esse sinistro Petronio do terceiro imperio copiou-lhe a moda do rodaque e calças brancas.

E quem foi que introduziu no Palace Hotel da velha Europa esse manjar dos Deuses que é o suã de porco com quirera?

Na torre de Londres, o Coronel lançou o seu nome e titulo no livro de visitantes. Pois quando chegou ao pateo central, os «yoemen» de guarda, tão pitorescos nos seus trajes do tempo da Rainha Elisabeth, urraram um:

— Viva o Coronel, vivoooo...

que o «Times» noticiou em artigo de fundo!

O Coronel tem tido coisas tremendas na sua vida de centenario.

Em Paris, engoliu, tomando-os por nata, 6 finissimos lenços de cambraia que haviam cahido n'um copo de leite. O grande Péan operou-o, sem sangue e sem dor, extrahindo os lenços pelo umbigo!

— Olhem, conta elle, uma vez metti uma rã n'uma garrafa de vinho do Rheno, d'essas compridas e estreitas. Puz a garrafa n'um armario, esqueci-me da rã, fui á Europa, voltei e um dia lá lembrei-me do bichinho. Na garrafa, coberta de poeira, qualquer cousa mexia.

— Uê, vamos á ver!

— Pois meus senhores, quando quebrei a garrafa, sahiu de dentro o sapo mais extranho que eu vi até hoje (e olhem, eu conheço o Louvre á palmo). Pois o diabo da rã cresceu, tomou a forma da garrafa e sahiu por ahi rabejando, aos pulinhos, dado uns diabos d'uns gritos exquisitos.

Em Paris, confundiram o Coronel com o Czar da Russia, que n'aquelles tempos era Alexandre III.

— Mas como, Coronel?

Pois nós vinhamos da Allemanha, no mesmo trem; antes de chegarmos á Estação, eu passei-me para a plataforma do vagão imperial.

Quando o trem parou, vi gente como chuva olhando para mim e gritando:

— Vive le Tzar, vive la Russie!

Eu, então, berrei que não era o Czar:

— Mossiurs, je ne sois le Czar, je sois le Colonel, de Campinás!

Qual nada! Atarantado como estava, agarrei uma mala que encontrei na plataforma e sahi n'um carreirão damnado. Pois no outro dia, um official de cossacos entregou-me um officio do Czar, em que elle reclamava a mala, cheia, meus senhores, de crachás de brilhantes, medalhas preciosas, o diabo, destinados á côrte de Napoleão III!

— E o senhor não teve alguma, Coronel?

— Não tive, mas uma vez, no Boulevard, o Czar olhou para mim e piscou o olho; olhem, o povo pensou que eu era um grão-duque e quando entrei no Bignon, o patrão fez-me servir pela mulher, um pancadão!

— E depois, Coronel?

Elle dá uma risadinha, cofia as cerdas da barba e cala-se, com as rugas fundas, como entalhes em madeira, cheias de reticencias.

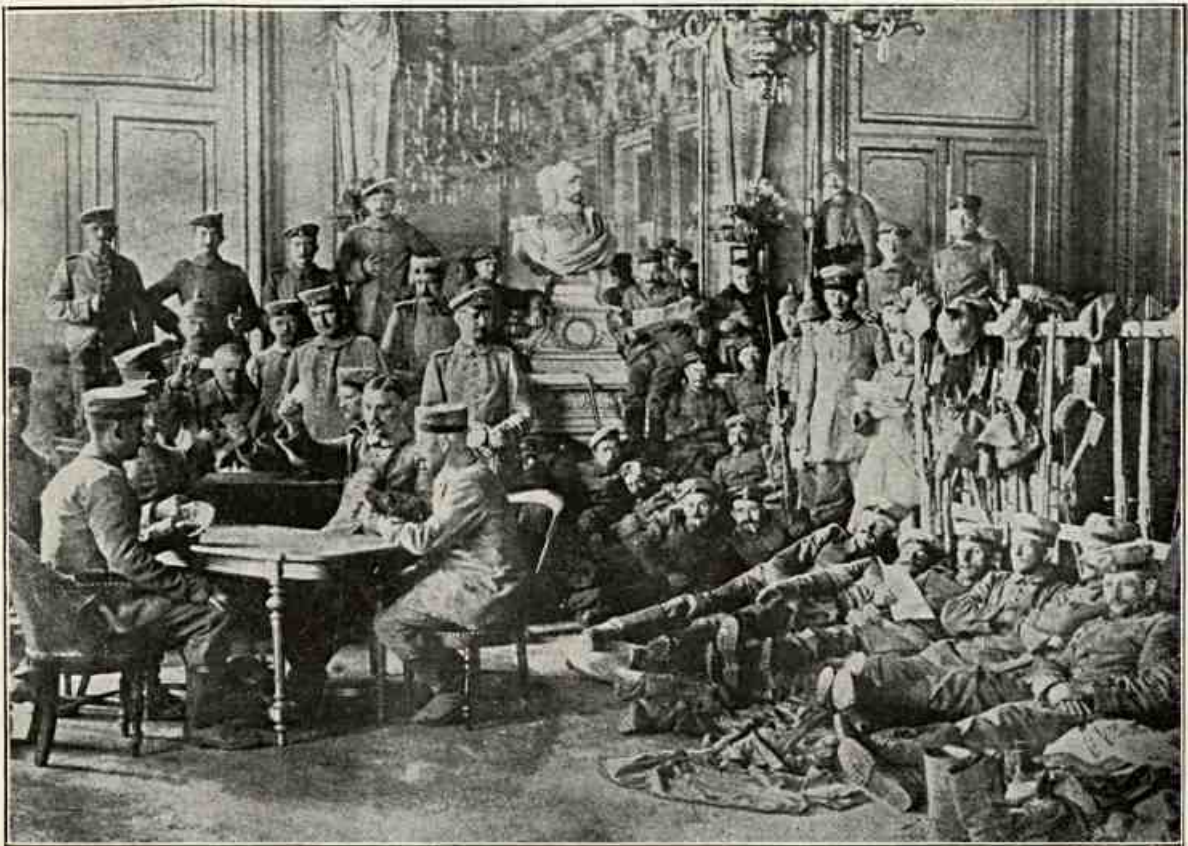
O.

REMINISCENCIAS

— Repára, Simplicio. ¡E' ideal! O seu gesto nobre, o seu perfil de *madona*, tem a voz timida, a educação aprimorada... Eu a vi...

— Onde?

— Pelo carnaval. Estava fantasiada de... *gigolette.*

Os allemães em casa da sogra

Os inglezes indignaram-se porque os allemães transformaram um salão de baile de um graúdo, em Aerschot, em casa de sogra.

Figuras e cousas de outras terras

Correspondencia de Mme. de Stäel. — A publicação de varias cartas, até pouco tempo ineditas, de Mme. de Stäel, publicadas pelo sr. E. Ritter, trouxe uma importante contribuição para a biographia da celebre escriptora e, ao mesmo tempo, para a historia européa do fim do seculo XVIII e do principio do seguinte.

Essas cartas são endereçadas em geral a Henri Meister, um suisso, que a famosa romancista conhecera na epocha da sua adolescencia e que fôra amigo do ministro Necker, pai da escriptora. Nessa correspondencia são completadas algumas particularidades sobre certos acontecimentos historicos; e esses pormenores deverão ser levados em linha de conta pelos biographos da autora de *Corinna*, porquanto são numerosas as minudencias que interessam a historia da Europa durante a Revolução e o Imperio e as que dizem respeito ás intrigas politicas em que a conhecida *femme de lettres* representou o seu papel.

Sob o aspecto sentimental e artistico, Mme. de Stäel revela nessas missivas as mesmas qualidades que os seus livros nos desvendam. Em uma das primeiras, escripta em 1787, quando ella contava vinte annos, a proposito de um pequeno tratado de Moral, publicado por Meister, disse: «Como lhe sou reconhecida por ter discutido o amor! Se alguns homens de espirito superior não sustentassem, com raciocinios philosophicos, que é essa a ventura primordial da vida, esse sentimento seria considerado como uma simples diversão feminina.»

Em 1794, a escriptora se declarava inteiramente fascinada pelo talento e pelas seducções de Talleyrand, que ella dizia ser um «caracter mal conhecido.»

Em 1796, Mme. de Stäel manifestava com relação á literatura e aos homens de letras da Allemanha diminuta sympathia, que mais tarde se transformou em descomedido enthusiasmo. Henrique Meister annunciava-lhe ao tempo que estava de passagem em Zurich o poeta Wieland, e pedia á filha do seu velho amigo que o visitasse. Mas a escriptora respon-

deu que não emprehenderia a menor viagem para vêr um escriptor germanico, por celebre que fôsse. E accrescentava : «Sei o que elle me diria ; é o mesmo que qualquer literato allemão dirá dentro de cincoenta annos. Não aprecio o espirito germanico.»

Em 1797, recebeu de Gœthe um volume magnificamente encadernado contendo *Wilhelm Meister*. A escriptora não sabia, então, uma só palavra da lingua allemã, e, referindo o presente ao velho amigo do seu pae, confessou que só havia podido admirar a encadernação do livro. E pedia-lhe : «Desejo agradecer ao sr. Gœthe a delicada lembrança, occultando-lhe a minha ignorancia e revelando-lhe apenas o meu reconhecimento e a minha admiração pelo autor de Werther.»

Algum tempo depois, resolvia estudar o allemão ; e em 1800 escrevia a Meister : «Continúo a estudar com resignação ; e não comprehendo como o meu amigo póde escrever tão bem o francez, conhecendo ao mesmo tempo perfeitamente o allemão ; parece-me que um exclue o outro.»

Entre as varias reflexões e observações contidas nessas cartas, ha uma referente á velhice, devéras graciosa : «O seu escripto relativo á velhice muito me interessou : ha nelle uma calma e uma pureza que me dão suave idéa da sua situação actual. Pela primeira vez percebo que me poderei resignar a ser velha um dia (Mme. de Staël contava quarenta e quatro annos). Cumpre procurar, se fôr possivel, que o declinio desta vida seja a juventude da outra. (Phrase que lembra a de Lamartine : Este descambar de um sol é a aurora de outro). Vi meu pae progredir sensivelmente com a idade. Desinteressar-se de si mesmo, sem cessar de interessar-se pelos outros, dá á alma um tom divino.»

Os politicos são sempre os mesmos

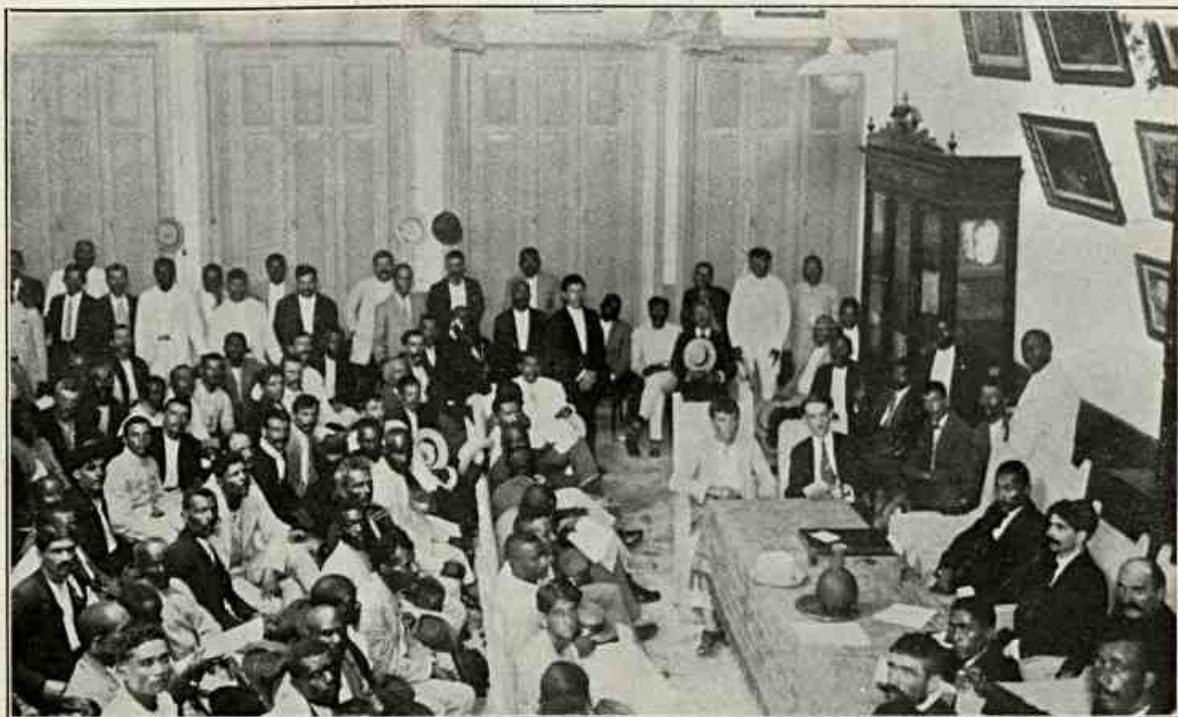
O velho marechal de Villeroi, que fôra governador de Luiz XV., dizia : «Deve-se despejar os vasos nocturnos dos ministros, emquanto elles occupam seus lugares, e atirar-lh'os na cabeça, quando elles alli não se acham mais.» E accrescentava : «De todo ministro que assuma a pasta das finanças, eu declaro que sou amigo, e mesmo um pouco parente.»

Pensamento fóra da moda :

«Entre a vida civilizada e a vida selvagem ha a differença que existe entre o direito e a força.»

Este é de Cicero. Fosse contemporaneo de Maximiliano Harden !

Horas ha que nos fogem, outras que nos são tomadas, outras que deixamos escapar.

SENECA

Uma selecta reunião dos Estivadores

A primeira providencia em caso de accidente

Impede que as pequenas feridas degenerem em grandes males

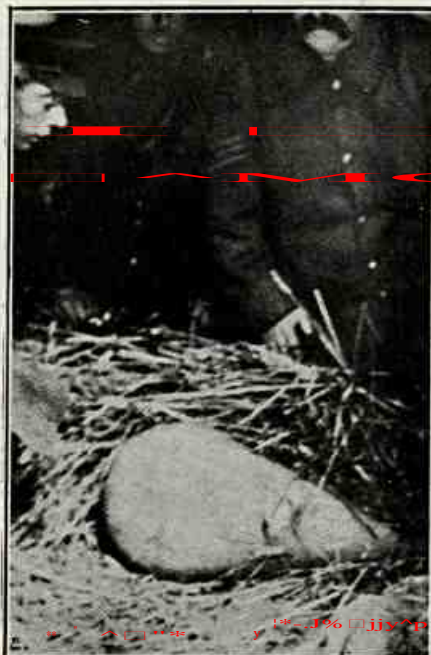
UNICOS AGENTES:

Paul J. Christoph Co.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

O raid aereo dos allemães em Norfolk

INGLATERRA

Estragos em King's Lynn

As grandes bombas que não explodiram

Outra de Quevedo

Felippe 3º de Hespanha era mentalmente o que costumamos chamar : uma zebra. Seus vassallos sabiam d'isso muito bem e, apezar da decadencia crescente em que viam ir o reino em virtude da burrice do monarcha, nunca se atreveram a tratal-o como o nosso povo tem tratado o «outro». Um unico hespanhol o troçou á vontade, abusando, como sempre, para isso da sua inexgotavel finura ironica.

Quando o pobre rei se achava em companhia de pessoas que o seu tempo considerava homens de saber, tinha a desgraça de provocar discussões sobre assumptos philosophicos ou litterarios.

Quevedo divertia-se immenso com as opiniões que ouvia, e quando o consultavam, recorria sempre á *blague* para responder.

Certa vez, Felippe 3º provocou respostas quanto ao numero de grupos em que se poderia dividir a raça humana. Após varias opiniões expendidas, o rei perguntou :

— E vós, D. Francisco de Quevedo, que pensais a respeito ?

— Senhor, respondeu Quevedo com o ar mais sério que se poude arranjar ; penso que a raça humana póde ser dividida em tres grupos : — Aquelles que pensam que é assim ; aquelles que não se importam que seja assim ou não seja assim.

No fundo de toda a vocação de poeta, bom ou máu, ha sempre algum amor de mulher.

TH. GAUTIER

Na Santa Casa

Um conhecido *pau d'agua* foi conduzido para a Santa Casa, na terça-feira gorda, em estado grave, após uma noite de abusiva intemperança. No dia seguinte, á hora da visita medica, o medico do dia, depois de ler a papeleta do enfermo, aproximou-se e perguntou-lhe :

— Então, como vai isso, está melhor ?

"OH! PHILOMENA!"

(Marca registrada)

CARVALHO BULHÕES

POLKA—CARNAVALESCA de 1915 arr. de J. Carvalho de Bulhões

Como "A UNIVERSAL" cumpre com os seus deveres

"A Universal"

SOCIEDADE ANONYMA DE PECULIOS POR MUTUALIDADE

CAPITAL 100:000$000

SÉDE SOCIAL

80 — Rua Visconde de Inhauma — 80

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL N. 1151

Rio de Janeiro,

Illm. Snr.

N. Hum Rs 3:000$000

Pagou tres contos de reis ... do sello

Recebedoria do Districto Federal, 18 de Fevereiro de 1915

O FIEL DO THESOUREIRO — O ESCRIVÃO DO SELLO

A Sociedade Anonyma de Peculios por Mutualidade "A UNIVERSAL" recolheu ao Thesouro Federal a quantia de Rs. 3:000$000 (tres contos de reis) relativa a 10 % do valor dos premios que deverá distribuir no dia 18 do corrente, relativos aos sorteios de Janeiro e Fevereiro dos premios de 10 e 20 contos, serão distribuidos 10 contos naquelle e 20 contos neste, de accordo com o art. 36 da lei da Receita para o presente exercicio, n. 2.919 de 31 de Dezembro de 1914.

Rio de Janeiro 17 de Fevereiro de 1915

S. A. de Peculios "A UNIVERSAL"

Secretario

Visto.

Rio, 17 de Fevereiro de 1915

Vergne d'Abreu

Inspector de Seguros

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Sociedade e não pessoalmente aos Directores.

Tendo havido uma má interpretação por parte do Snr. Ministro da Fazenda sob o artigo 36 da lei da Receita para o presente exercicio, sob o numero 2.919 de 31 de Dezembro de 1914, algumas companhias rezolveram fazer uma consulta a S. Ex. ficando definitivamente firmado o "quantum" tem estas companhias de pagar de premios sob o valor de seus sorteios, que são distribuidos mensalmente aos seus associados, isto é, estas companhias tem que pagar ao Thezouro 10 % sob qualquer quantia a ser distribuida nos sorteios mensaes.

Em vista disto "A UNIVERSAL" prontificou-se imediatamente a entrar com os respectivos 10 % na Recebedoria do Districto Federal afim de poder realisar os seus sorteios de Janeiro e Fevereiro do corrente; *tendo sido a primeira* a realisar tal compromisso como prova o documento acima, *que traz o n.o 1 cujo recibo é de 3:000$000 pago em 18 de Fevereiro.*

A "Careta" felicita aos seus Directores por ter sabido estes mais uma vez, a ser os primeiros a cumprirem com os seus deveres.

INGENUAMENTE

Um burguez rico foi ver uma fazenda que pretendia adquirir, no interior de São Paulo. Depois de examinar a casa foi percorrer os terrenos acompanhado de um caipira rudissimo e simplorio.

— Estas terras me parecem bôas, sr. Vicente.

— Déve de sê, seu môço.

— O que é que dá aqui?

— E' confórmes.

— Conforme, como?

— E' confórmes; se voismecê aprantá mio, dá mio; se aprantá feijão, dá feijão; se aprantá batata, dá batata. E' conformes.

A mocidade affronta impunemente todas as asperezas da vida, como as crianças dão com a testa contra os angulos dos moveis, sem ficar com uma só cicatriz.

EDMUNDO ABOUT

Ultimas noticias da guerra

Da «Agencia Imparcial» recebemos os seguintes telegrammas :

LONDRES, 26

Tem causado hilaridade a noticia, divulgada pelos allemães, de que as autoridades e a população londrinas estão assustadas com receio dos Zeppelins. Aqui ninguem pensa nisso. A ameaça do raid de Zeppelins e *taublen* é uma fanfarronada que causa riso.

LONDRES, 26

Nos terraços de todos os edificios elevados da cidade estão postadas peças de artilharia para repellir o possivel apparecimento de Zeppelins e aviões allemães. Em toda a parte redobram as precauções contra o perigo aereo. A' noite todas as luzes são apagadas. A qualquer alarme a população se recolhe aos subterraneos. As autoridades estão vigilantes.

PARIS, 26

Empenhou-se hontem, no sector de Arras, uma acção com brilhante resultado para os alliados. Depois de um fogo de artilharia de 6 horas, em que o canhão de 75 mostrou o seu valor, fizemos uma carga de infantaria que destroçou completamente o inimigo. Conquistamos nessa operação quatro palmos de trincheira e ferimos no pollegar um soldado prussiano.

BERLIM, 26

As noticias divulgadas pelos alliados de que escasseiam viveres na Allemanha são absolutamente mentirosas. E' verdade que foi baixado um decreto prohibindo a cada individuo comer mais de quinhentas grammas de pão e duzentas grammas de carne, sob pena de ser enforcado. Mas isso é somente porque o pão e a carne são nocivos ao estomago. Em compensação cada qual é livre de comer quanto *foie-gras* e espargos quizer.

PETROGRAD, 26

A nossa situação na Prussia Oriental é muito vantajosa. Todavia fizemos nessa região um recúo geral por motivos que ainda é cedo para tornar publicos.

VIENNA, 26

Infligimos aos servios uma completa derrota proximo a Belgrado. O inimigo deixou no campo 100 mil mortos. Por toda a parte na Hungria temos batido os russos, que fogem aterrorizados deante das nossas forças. O moral das tropas austriacas é excellente.

"A UNIVERSAL"

Esta acreditada Companhia de Seguros de Vida por Mutualidade, em presença de muitos associa dos e de representantes da imprensa realisou em 18 de Fevereiro o 10o e 12o sorteios mensaes de suas apolices, respectivamente de 20 e 10 contos de reis. — Estes sorteios que foram presididos pelo nosso collega Mattos Costa, do *Malho*, secretariado por Alfredo Silva do *Correio da Manhã*, constituiram mais um successo da Directoria d'esta Companhia que tem até esta data sabido cumprir com o seu dever para com os seus associados, sendo ao findar os sorteios offerecido aos presentes uma taça de champagne.

Foram sorteados os seguintes :

RELAÇÃO DOS PREMIOS DO 10o SORTEIO EFFECTUADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1915, RELATIVO AO MEZ DE FEVEREIRO

SÉRIE DE 20:000$000

1o premio de 4:000$000 — Inscripção n. 2 163 — Socio padre João Baptista Reis — Lage do Muriahé — E. do Rio.

2o premio de 2.000$000 — Inscripção n. 262 — Socios Dr. Pedro Ignacio de Almeida e D. Maria Fortes de Almeida — Palmyra — E. de Minas.

3o premio de 1:000$000 — Inscripção n. 274 — Socios Xenophontes Renault e D. Alba Caldas Renault — Barbacena — E. de Minas.

4o premio de 1:000$000 — Inscripção n. 1.045 — Socios Julio Cesar Monteiro de Barros e D. Maria Custodia Miranda Monteiro de Barros — Porto Novo — E. de Minas.

5o premio de 500$000 — Inscripção n. 3.433 — Socios Bachu Antonio Felue e D. Marianna Jorge — Providencia — E. de Minas.

6o premio de 500$000 — Inscripção n. 1.218 — Socios João Evangelista Salviano e D. Constança da Matta — Candeias — E. de Minas.

7o premio de 400$000 — Inscripção 4.263 — Socios Francisco Ferreira da Silva e D. Mercinia Couto da Silva — Gargahu' — E. do Rio.

8o premio de 200$000 — Inscripção n. 1.061 — Socios Victal Moreira Campos e D. Malvina Moreira do Nascimento — Ilhéos — E. de Minas.

9o premio de 200$000 — Inscripção n. 2.812 — Socios Benedicto Rodrigues de Souza e D. Venina Landy de Souza — Arrozal do Pirahy — E. do Rio.

10o premio de 200$000 — Inscripção n. 1.372 — Socios Jorge Paulo e D. Malch Paulo — Carmo do Rio Claro — E. de Minas.

RELAÇÃO DOS PREMIOS DO 12o SORTEIO EFFECTUADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1915, RELATIVO AO CORRENTE MEZ

SÉRIE DE 10:000$000

1o premio de 2:000$000 — Inscripção n. 71 — Socios Dilermando Martins da Costa Cruz e D. Maria Antonietta Lobato Cruz — Juiz de Fóra — E. de Minas.

2o premio de 1:000$000 — Inscripção n. 1.828 — Socios Domingos José Pereira e D. Raymunda Maria de Jesus — Bom Jesus do Amparo — E. de Minas.

3o premio de 500$000 — Inscripção n. 499 — Socios Americo de Souza Monteiro e D. Celeste Mourão Monteiro — Bom Sucesso — E. de Minas.

4o premio de 500$000 — Inscripção n. 952 — Socios Pompilio de Toledo e D. Amerinda de Carvalho Toledo — S. Gonçalo de Sapucahy — E. de Minas.

5o premio de 250$000 — Inscripção n. 205 — Socios Agenor Gomes de Souza e D. Maria das Dôres Natividade — Villa Rezende Costa — E. de Minas.

6o premio de 250$000 — Inscripção n. 166 — Socios Vicente Lacourt e D. Gabriela Lacourt Wagner — Barbacena — E. de Minas.

7o premio de 200$000 — Inscripção n. 226 — Socios Eloy Elysio Este e D. Maria Vieira Este — S. João d'El-Rey — E. de Minas.

8o premio de 100$000 — Inscripção n. 4.089 — Socios João Vieira Vasconcellos e D. Perciliana do Prado Vieira — Muzambinho — E. de Minas.

9o premio de 100$000 — Inscripção n. 3 854 — Socios José Victor Amanuo e D. Virginia Maria de Jesus — S. José da Pedra Bonita — E. de Minas.

10o premio de 100$000 — Inscripção n. 1.003 — Socios Miguel Hippert e D. Catharina Strompf Hippert — Parahyba do Sul — E. do Rio.

UM NEGOCIO DECIDIDO

(Estevão Törnörkényi)

Marton anda lentamente no pasto com os seus carneiros. De tempos em tempos elle ordena ao *bojtar* (1) que corra até a frente do rebanho para que elle se não disperse. Morton com os seus carneiros chegou ao limite do districto com a sua *tanya* (2) que fica proxima. Isso não é lá cousa que se despreze. E' tão rara uma festa para um *juhasz* (3).! E que festa! Terá um jantar quentinho que da *tanya* lhe trarão!

Marton, não leva para mais longe seus carneiros. Faz signal aos cães para que não atormentem os animaes, deixando-os pastar a vontade nos arredores. A manhã passa-se toda dessa maneira. Ovelhas, carneiros, cordeiros conservam-se tranquillos. O *bojtar* toca a sua flauta pastoril. Seria melhor que o não fizesse, sem duvida, porque ainda não sabe bastante. Marton carrega seu cachimbo, um cachimbo com a fornalha alta, de tubo recurvo, semelhante á dos caçadores. E elle que distingue o *juhasz* do *bojtar*, que fuma um cachimbo de madeira feito por elle mesmo segundo as indicações de sua fantasia.

O mesmo acontece com a isca. O *bojtar* acha muito cara a isca preparada que se compra aos *slorenos*, e prepara-a elle mesmo de uma flor da *puszta* (4)

E assim as horas vão passando. O tempo é bello, o jumento tem sobre os lombos a *szür* (5) e o sol lá do alto, contempla rindo-se os carneiros de Marton.

Marton olha para o sol e verifica que já é meio-dia. Lança então seus olhares para a *tanya*, reconhecivel pelos tres alamos esbeltos que tem á frente. Vê-se alguem que passando por sob as arvores dirigi-se para o campo. Se as cousas se passassem como habituamente essa pessoa seria a mulher de Marton. Mas se fosse esta não trazia avental branco, porque é costume das mulheres idosas, mesmo quando vão encontrar o marido, levarem o avental azul.

Marton olha. Percebe perfeitamente que é o jantar que lhe trazem porque é em um manto encarnado que a panela vem enrolada. O homem esfomeado tem a vista penetrante. Ella vem rapidamente pois que não ha quem ande com maior rapidez do que as moças do campo. Ellas andam todas, pode-se mesmo dizer ellas deslisam como os veadinhos no matto.

Marton diz de si para si «Ha alguma novidade». Mas não fala; a quem fallaria elle, aliás? O *bojtar* não merecia ainda que se lhe dirija a palavra. Falar aos cachorros, não é costume e aos carneiros toda a gente sabe como esses animaes são estupidos. O unico ser a quem elle dirige as vezes algumas palavras é ao jumento, porque o jumento é um animal intelligente. Mas justamente por ser um animal intelligente elle está longe, á frente do rebanho. E então? O campo na primavera é facil ao passo; a moça apressa os seus. Marton começa a distinguir-lhe as feições. E' certamente Appolonia a mulher do visinho Gergö Vér. Mas que terá sua mulher que não vem ella propria? Ella gosta demais da sopa salgada com bolinhos de farinha. Talvez tenha comido em excesso na vespera e ficado doente... Hum! Hum!

A mulher ja está bem perto. O jumento aproxima-se tambem. Fica a dez, não, a seis passos justamente. Os cães avançam ao seu encontro atravez do rebanho, por ser o caminho mais curto.

Quem traz a refeição não é a mulher do visinho. E' a filha de Marton, que se casara o anno findo e que era mãe desde um mez antes.

— Oh! Como é que ella não está na *tanya* de seu marido? pensou Marton.

E quando ella chegou mais perto de seu pae, este perguntou:

— Eu pensava que fosse Appolonia. Como foi que você voltou para casa?

A moça estava pallida. Apenas convalescia do parto; disse baixinho:

— Voltei para casa meu caro pae...

Desamarrou o manto encarnado e tirou uma panella e um prato de folha. A panella é para o *gazda* (6) o prato é para o *bojtar*. A comida está quente ainda pois foram tiradas do fogo momentos antes. Consiste em carne de porco com favas. Quem não gosta deste prato não sabe o que é bom.

Marton com as feições sombrias sentou-se. O jumento approximou-se delle. E' sempre assim. A colher e o pão estão no sacco, o sacco está amarrado ao *szür* e o *szür* sobre o lombo do jumento. O jumento vinha pois trazer esses accessorios para a refeição. E' um bicho intelligente. Se não fosse intelligente a sua especie ha muito que estaria extincta porque delle só se pode mesmo utilisar a sua intelligencia séria e pratica.

Marton toma uma colher; o *bojtar* não, porque no sacco ha uma só.

Mas com o bello pão de centeio é sempre possivel fazer uma boa colher espetando os pedaços na ponta da faca. Marton, este mergulha a colher na panella e come.

— Você voltou com seu filho? perguntou elle.

— Sim, voltei com meu filho, suspirou ella. Estava escripto.

Marton tornou a interrogar:

— E elle te bateu?

— Não, elle não me bateu, e talvez isso fosse preferivel. Maltratou-me só com palavras.

— Que foi que elle te disse?

— Disse: «Quem não trabalha não deve comer.» Accrescentou que bastava já de vadiação e que eu devia ir colher os pimentões ao campo. Affirmei-lhe que não podia trabalhar ainda; só agora começo a recuperar minhas forças...

— E' verdade...

— E depois, deixar uma creança de mez em casa? Pode-se por acaso levar para o campo um entezinho assim? E por fim ainda não posso trabalhar. Não aguento a enxada. Meu pae bem sabe que eu nunca fugi ao trabalho...

— Não tem duvida, é a pura verdade.

Marton atira aos cachorros os ossos e as codeas. Agarrando um pelo pescoço indica-lhe com a mão um cordeirinho que se extraviava. O cão corre e faz voltar o animal ao grosso do rebanho.

— Então elle disse que se você não trabalhasse, não devia comer?

— Disse.

— E por isso abandonaste-o, voltando para casa?

A moça olhou para o pae timidamente para ver si elle tambem lhe não dava razão, e disse em voz baixa:

---

(1) Pequeno pastor. — (2) Herdade. — (3) Pastor. (4) Planicie (5) Manta.

(6) Senhor.

— Voltei para casa.

— E elle não te procurou reter ?

— Não disse uma só palavra. Talvez não pensasse que eu vinha para ficar, de uma vez.

Marton, derramou, furioso, o resto da refeição no solo para os cachorros e por cima do hombro passou varias vezes as codeas do pão a alguem que fica sempre por traz do *juhasz* quando este faz as suas refeições, a olhar as cousas com os seus grandes olhos melancholicos. Esse alguem é o jumento.

Elle está sempre a olhar tudo, mesmo quando se joga ás cartas.

A moça com timidez, perguntou :

— Ficou zangado commigo por ter voltado para casa ? Meu bom pae...

Pareceu a Marton que seus olhos se arrazavam de lagrimas e que alguem lhe apertava a garganta fortemente. Mostrou o rebanho e disse :

— Esses carneiros são toda a nossa riqueza. Essa *tanya* ao longe é a tua. Elle recusou-te o pão ? Que o vento lhe arranque os cabellos. Tu, nunca mais o verás, se quizeres.

Fica em nossa casa. Elle está louco por ti e virá te procurar de novo.

Ouvindo as palavras do pae a moça socegou.

Juntou a louça da refeição, amarrou-a de novo na manta e disse:

— Deus vos abençoe.

— E a ti tambem, minha filha.

A moça afastou-se. Marton começou a olhal-a pensativo. Depois gritou-lhe :

— Véra ! Eu não durmo hoje neste ponto. Vocês não me esperem para a ceia.

— E minha mãe que me havia dito que o senhor ficava aqui até amanhã, disse a moça voltando-se.

— E' impossivel. O capim aqui já está muito curto. Tenho que ir adeante.

— Mas nem mais pão o senhor tem já no sacco. Vou trazer-lhe um bocado.

— Não é preciso. Nem você pode estar a fazer tão grandes caminhadas. Não preciso de nada. Tenho leite.

— Donde ?

— Nas ovelhas. E então ?

Ao mesmo tempo fez signal aos cachorros para juntar o rebanho. E o rebanho começou a caminhar para o outro lado da *puszta*.

* * *

A' tardinha o rebanho de Marton chegou de novo ao limite da *puszta*, mas já do outro lado do campo. A *tanya* do marido de Véra ficava perto desse ponto, a uma hora apenas de distancia. Os carneiros ficaram entregues ao *bojtar* e aos cachorros e Marton monta sobre o jumento depois de amarrar a um pé só, uma espora. Um *juhasz* não usa de duas esporas para essa metade de cavallo que é o Jumento. Basta uma.

Marton afastou-se pois montado sobre o jumento. Este bem sabe para onde se dirije pois que não é a primeira vez que lá tem ido, e alem disso viu Véra no campo, pelo meio do dia. Pensa mais ou menos qual o motivo da viagem. O jumento é um animal muito intelligente. Marchou com rapidez. O jumento não gosta de trotar, mas na marcha é tão bom como o cavallo. O sol não se occultara ainda quando elles chegaram á *tanya*. Isto não se fez sem rumor. O cachorros da *tanya* começaram a ladrar e um cachorro que acompanhara Marton respondeu a esses latidos, escondido prudentemente entre as patas do jumento.

Marton apeou do cavallo de Nosso Senhor.

Da casa sahiram a recebel-o. E' seu genro Janos Simito. Disse :

— Boa tarde.

— Boa tarde, respondeu Marton.

Ficaram alguns minutos assim sem dizerem palavra. O jumento aproximou-se do poço e o *béres* (7) deu-lhe agua.

Os cachorros da *tanya* queriam morder o de Marton, mas este se encolhia entre as patas do jumento, cujos couces os outros não se atreviam a provocar.

Marton disse :

— Pergunta-me o que vim fazer.

Janos respondeu :

— O senhor m'o dirá se o quizer. Entremos.

Marton, lentamente, disse :

— Não quero entrar.

— E porque não quer entrar ?

— Não quero entrar. E porque havia eu de entrar se não o desejo fazer? Que tenho eu a fazer nesta casa de onde foram expulsos a minha filha e o filho della ?

Janos baixou a cabeça e começou a remexer a areia com um dos tamancos.

— Logo imaginei que era essa historia da Véra que o trazia aqui.

— Naturalmente. E porque foi que você a tratou de semelhante forma ?

Janos começou a desculpar-se :

— Não fui eu. Minha mãe estava aqui em casa. Ella affirmou que Vera já tinha se pousado bastante. Disse mesmo que no seu tempo as mulheres não ficavam de cama uma semana.

Marton, furioso, quiz dizer alguma cousa ; mas calou-se para conter sua colera.

— Tua mãe, disse elle por fim, criou o seu bastardo como ella o entendeu. Que me importa que ella tenha ainda outros filhos ; ella que os crie da forma que quizer.

Janos interrompeu-o, irritado :

— Esta tratando minha mãe como se fosse uma cadella.

Marton não respondeu ; continuou :

— Mas porque se incommoda ella com o que faz minha filha ? Porque motivo que ella dispor da saude de minha filha e do meu neto ?

Janos respondeu :

— E' tanto meu filho quanto seu neto.

Neste momento o jumento fez um dos cachorros parar longe com um coice ; o cachorro disparou a uivar de dor emquanto o cão de Marton sempre abrigado entre as patas do jumento como que o escarnecia : bleff, bleff, bleff, yú, yú, yú !

Marton replicou :

— Quanto a isso, você é que o deve saber.

Riramse. Mas depois que essa passageira alegria dissipou-se, Janos recomeçou a falar com gravidade :

— Se sua mulher tivesse vindo ajudar a filha toda essa comedia não se teria dado. Minha mãe é de uma outra raça e isso não é de minha culpa. Porque não veio a mãe de Véra ?

Marton replicou, bruscamente :

(7) Encarregado de tirar a agua.

— Asneiras! E como poderia ella vir se está só na nossa *tanya* ?

Calaram-se de novo, meditando nas verdades contidas em suas palavras. Por fim Marton atirando o seu cajado nas pernas dos cachorros, decidiu-se definitivamente o negocio do seu cão. Depois recomeçou a conversa :

— Quando irás buscal-a ?

Janos respondeu :

— Posso ir immediatamente.

— Porque, presta bem attenção, é preciso não demorares. Se tu demoras nunca mais a trarás comtigo. Porque se não gostas della eu não ta entregarei.

Janos respondeu, altivamente :

— A lei m'a entregará.

— Não a lei não t'a entregará.

— Sim, a lei m'a entregará.

Marton foi buscar o cajado que atirar sobre os cachorros. Conserva-o na mão, cavando a areia com a ponta. Medita no que vae dizer. Esses movimentos que a ninguem fazem mal são semelhantes ás blasphemias; apasiguam a furia e abrem caminho a pensamentos mais conciliatorios.

— Pois bem, eu preciso retirar-me, disse Marton. Meus carneiros estão proximos d'ahi. Não posso deixal-os só com o menino. Mas quero accrescentar uma palavra. Si eu jurar uma vez : «Pela minh'alma e pela alma de minha mulher não deixarei mais a minha filha entrar em tua casa», então nem você, nem a lei, nem nada conseguirão que ella seja de novo tua. Ouviste ?

Houve um silencio. Depois Janos respondeu :

— Ouvi.

— Está bem disse Marton. E voltando-se, aproximou-se do jumento e montou ; em seguida extendeu a mão a Janos :

— E, disse elle com doçura, porás na carroça um travesseirinho... para o pequeno.

— Pois sim.

Marton sobre o jumento deixou a trote a *tanya* de seu genro. A noite estava bella, cheia da luz da lua. Ao longo do caminho sob os arbustos os grillos cantavam asperamente, estridentemente.

* * *

ESTEVÃO TORNORKINYI nasceu em 1866 na Hungria. E' um archeologo muito distincto, director do Museu do Azeged.

E' um observador dos costumes dos camponezes húngaros que elle descreve em encantadoras novellas que formam já varias collecções. Tem vários livros publicados e ao lado de Bársonyi, Mikhszath, Benedek, Petelei é collocado entre os grandes escriptores húngaros contemporaneos.

PUDERA NÃO!...

Diderot costumava contar que, tendo ido vêr Rousseau em Montmorency, ambos foram passear ao longo do tanque.

«Eis, lhe disse Rousseau, um lugar onde tentei vinte vezes me lançar para acabar com a vida. — E porque não o fizestes ?» — lhe perguntou Diderot. João Jacques ficou um momento sem responder, depois disse : «Metti a mão na agua e a achei muito fria.»